

# Voz de S. Antonio



Revista mensal Illustrada

Abençoada por S. S. o  
Papa Leão XIII pe-  
lo Ex.<sup>mo</sup> Ordinario  
e varios Prelados.

N.º 2

FEVEREIRO  
SÉRIE 4.<sup>a</sup>  
8.º anno

Paulien

## CHRONICA LIGEIRA

SUMMARY: — *A mulher e o romanismo. — Um livro informe e um genial talento da parvoice. — O snr. Euclides Bandeira a estirar-se em asneirolos de palmatoria.*

E' trivial dizer-se que o merecimento d'um livro nem sempre está em relação directa com o avultado ou reduzido das proporções materiaes. Por igual fórma é indubitavel que nem sempre pôde dete. minar-se por ellas a inanidade, o valor... negativo ou a perversidade destruidora d'um pessimo trabalho litterario. Um homem de talento pôde, em poucas paginas, prodigalisar-nos punhados de ouro e joias a flux; assim como o pedantismo insolente d'um ignorante presumido pôde, em meia duzia de linhas, inundar-nos com um chorrinho de asnidades — perdão, de sandices.

Por interferencia obsequiosa d'um amigo veio visitar a nossa redacção uma extravagante producção litteraria do snr. Euclides Bandeira (?) da redacção do *Electra*. A coisa dá pelo nome que serve de epigraphe a estas linhas — *A mulher e o romanismo*; e, segundo deduzimos dos dizeres que encimam o frontispicio, vem iniciar a propaganda da *Liga anti-clerical Paranaense*.

E' pequeno — muito pequenino, mesmo — o livrêco: 18 paginas escassas, formato muito reduzido e amplas margens. Mas, sem offensa para o pae da cria, em tão limitado espaço, era impossivel accumular maior quantidade de grossos dislates, ou parvoejar com maior exuberancia. O snr. Euclides Bandeira revela-se, incontestavelmente, um genial talento da parvoice.

Não é, pois, o valor do livro que nos leva a consagrar-lhe alguns momentos de attenção; é, sim, a importancia capital da momentosa these que este senhor se permite versar com tanta leviandade como ausencia de escrupulos; é a philauzia e jactancia com que investe os «caiphazes do Vaticano» (*sic*), os «miasmas deletorios de dogmas ferrenhos», os «santos milagreiros», o celibato ecclesiastico, o catecismo, etc.; é aquella ironia escarninha e alvar, com pretensões a arremedar um sarcasmo de Voltaire, para motejar as crenças de 300 milhões de catholicos, que — intolerantes como são — não ridicularisam nem motejam a crença, ou a falta de crença, do redactor do *Electra*; é, enfim, a semceremonia e o despejo com que um illustre desconhecido se apresenta, em nome da sciencia (perdoae-lhe, Senhor!) a insultar as nossas convicções, capitulando-as de «seita dos absurdos, da mentira, da falsa caridade, preconisadora do... confes.ionario infamante e da ignorancia... etc... etc...»

Escalpellisemos isto.

Esvurmemos esta pustula de infatuada palermice.

\*

Pergunta o snr. Euclides Bandeira:

«A educação saturada de religião catholica romana é util ou pernicioso? A mulher imbuida d'ella está nos casos de desempenhar tão bello desideratum — o proprio engrandecimento e o da próle?»

E lépido acóde com a resposta:

«Qualquer basbaque... responderá pela negativa». (E o snr. Euclides tambem responde

pela negativa...; mas nós não queremos concluir que tambem elle seja basbaque...) E explica se: «a mulher educada sob a influencia da religião romana não pôde ser mãe boa, digna, idonea».

Porquê? Dá s. exc.<sup>a</sup> duas razões, que, se conseguimos desvendar o seu pensamento, pedantescamente envolvido n'uma fraudulagem mesquinha, com pretensões a litteraria, vêm a reduzi-lhe a isto:

1.<sup>a</sup> O catholicismo impõe dogmas; logo é «a seita dos aburdos, da mentira, da falsa caridade» Ora, como tudo isto collide com o conceito de sciencia, que hoje em dia ha de ser a *almamater* de todas as coisas grandes, segue-se que o catholicismo impede que a mulher seja «mãe boa, digna, idonea».

2.<sup>a</sup> (que, a final, se contém na primeira) O catholicismo é inimigo figadal da sciencia. Ora, «como a educação moderna deve ter por sócco a sciencia», (é textual) segue-se que o catholicismo é inimigo da educação moderna; e por consequencia a mulher catholica não pôde ser «mãe boa, digna, idonea»; porque d'estas, só a educação moderna sabe produzi-las...

O snr. Euclides appélla para o testemunho da razão. Pois bem: accetamos o repto; e, á luz da razão, vamos fazer vêr ao sabio do *Electra* como estão sujeitos a cincas deploravelmente aquelles mesmos que se acocoram perante a Sciencia — com S. maiusculo — eructando mirabolancias de erudicção barata, e sabedoria de segunda mão.

Mas «o estylo é o homem». Se os leitores têm interesse em conhecer a personalidade authentica do snr. Euclides Bandeira, não têm mais que attentar no seguinte naco da sua prosa, em que elle define o papel social da mulher:

«... O supremo designio da fragil companheira do homem, na terra — sua existencia toda, pôde-se mesmo dizer — acha-se enclausurada na palavra sacrosanta — Mater — como ao centro de extranho halo com reverberos de rocal cravejado de perolas — granadas marsellezantes e nitidos solitarios fulgindo a rara transparencia de lagrimas crystallisadas».

Delicioso!

Damos um premio a quem nos decifrar esta charada.

Está aberto o concurso...

\*

O snr. Euclides rejeita o dogma capitulando-o de absurdo. Pois, com venia de s. exc.<sup>a</sup>, é tudo pelo contrario. Absurdo é o que repugna á razão; ora a religião catholica não impõe a seus adeptos coisas contrarias á razão, impõe, sim — o que é muito diverso — coisas que naturalmente são incompreensiveis ou superiores á razão.

«Mas, reponta immediatamente o snr. Bandeira, ahí precisamente está o absurdo, em admittir coisas incompreensiveis». — N'esse caso, queira o snr. da redacção do *Electra* começar por dizer o seu *penitêl*, porque tambem s. exc.<sup>a</sup> está incurso n'esse peccado; porquanto:

1.<sup>o</sup> Admitte, como toda a gente de bom senso e juizo são, factos da sciencia e da vida humana que são incompreensiveis. Admitte effeitos cujas causas não pôde penetrar: os effei-



# Voz de S. Antonio

Redacção e administração — Braga


## SUMMARIO

- Viva o Santo Padre o Papa Leão XIII!
- I Parte — *Secção Doutrinal*: A Esperança. — O Beato Antonio de Stronconio. — Virtude a imitar: amor da solidão — Indulgencias, etc.
- II Parte — *Secção Historica*: Convento e Igreja de Santo Antonio em Aveiro. — Pensamentos. — S. Gonçalo de Lagos. — Anecdotas.
- III Parte — *Leituras Amenas*: A almofadinha do Menino Jesus. — A sorte é o trabalho.
- IV Parte — *Culto de Santo Antonio*: O Pão de Santo Antonio. — Braga. — Villa Verde (Barbudo). — Lisboa. — Leiria. — Barcellos. — Turcifal. — Albergaria. — Bragança. — Torres Vedras. — Paços de Ferreira. — Ouro Preto (Brazil), e diversas partes. — Os Cofres. — Recommendações. — Os nossos defuntos, etc.
- V Parte — *Secção Científico-Litteraria*: O Dogma evolucionario? — A Leão XIII (poesia). — Quadros biblicos. — Bibliographia: livros, revistas e jornaes. — As nossas illustrações.
- VI Parte — *Chronica Universal*: Roma. — Portugal. — Hespanha. — De Lisboa á Beira. *Gravuras*: Os Desposorios de Nossa Senhora. — Scenas da Sagrada Familia. — A Pesca milagrosa.

Editor — D. J. de Souza Gomes.

Pap. e Typ. Universal — Augusto Costa & Mattos.

## Viva o Santo Padre o Papa Leão XIII!


**P**OR mais de uma vez tem tido a *Voz de Santo Antonio* o grato ensejo de saudar Sua Santidade o Papa Leão XIII, que tão gloriosamente preside aos destinos da Igreja Universal. Fêl-o a primeira vez, quando, ha sete annos, ao iniciar a sua carreira jornalística, se foi prostrar aos pés do Successor de Pedro, não só para lhe prestar a homenagem devida do seu acatamento e incondicional submissão, mas ainda para implorar a Benção do Vigario de Christo, para a prosperidade do seu ousado empreendimento.

Com effeito, a *Voz de Santo Antonio* não quiz nunca lançar-se ao mar revolto da imprensa, sem um ponto fixo no horisonte, que a norteasse dia e noite; nem tão pouco sem um pe-

nhor seguro do bom exito da sua derrota.

Teve a felicidade de conseguir ambas as garantias que almejava. Da bocca de Leão XIII ouviu palavras do mais salutar conforto, que a animaram a proseguir na derrota, sem arreciar a perseguição dos cursarios; e a Sua Dextra ergueu-se magestosa para abençoar paternalmente a nossa humilde empreza. Foi este o seu penhor. Não desviou nunca — pelo menos conscientemente — o seu olhar dos luminosos ensinamentos de Leão XIII aos periodistas catholicos. E foram elles a sua estrella polar, que jámais se lhe obscureceu. Por isso devia ser grata ao seu bemfeitor, em quem reconhece, de mais, direitos de pae e de mestre. Sempre que a occasião se lhe depa-rou, deu provas de que possui um coração agradecido, e publicamente o tem manifestado aos seus leitores e amigos.

Porém a circumstancia presente impõe-lhe a dôce obrigação de vir

mais uma vez ainda saudar jubilosamente o Santo Padre o Papa Leão XIII. Se lhe fôsse possível revestir-se-ia de toda a solemnidade externa, adornando-se de preciosas galas, trajando os mais ricos adornos, que conseguissem fallar aos sentidos, e não só ao coração.

Não lh'o permite, porém, a sua modestia. Contentar-se-á, por isso, embora a seu pezar, com as gallas de coração affectuoso, que todo, quanto é e quanto vale, offerece ao Immortal Leão XIII, vivo Representante de Christo, entre os homens. E' com estes sentimentos que ella no dia tres de março irá prostrar-se ante os degraus do throno do inclito successor do Principe dos Apostolos, para Lhe dizer que tambem ella, em união com os seus obscuros collaboradores, com os seus dedicados leitores e amigos, tem, n'esse dia, o prazer de saudar a Sua Santidade o Papa, pelo seu *Jubileu Pontificio*. — Dir-Lhe-á que as *Bodas de Prata* do Pae commum dos fieis, são diamantes do mais fino quilate para os amigos da *Voz de S. Antonio*. Dir-Lhe-á humildemente que os nossos votos e as nossas preces, n'esse dia mais ardentes que nunca, são todas integralmente inalçadas ao Céu, pela felicidade e prosperidade do Grande Pontifice — columna da Igreja — Sustentaculo da Fé — e um dos rarissimos privilegiados que na Sé Apostolica tiveram a dita de celebrar o Seu Jubileu.

Entoaremos do fundo da alma o *Dominus conservet Eum et vivificet Eum*. . . Sim, que ainda por largos annos Elle, o Immortal Pontifice, viva, que Elle reine, que Elle presida aos destinos da Igreja de Deus, seja o nosso Mestre e Guia, que bem precisamos dos ensinamentos de Sua doutrina,

dos incitamentos do seu valor e energia, não menos que dos exemplos da Sua virtude forte e suave.

Que Elle viva! Que Elle reine!

Na cadeira de Pedro vae sempre sentar-se aquelle Pontifice que mais convem aos destinos da Igreja, na época que atravessa. Embora a prudencia humana assim o não queira vêr, não ha contestar a força irrefragavel da Historia, que o attesta exuberantemente. Quando outro factio o não comprovasse, ahi temos a vida e a acção de Leão XIII. Ha 24 annos que o Triregno lhe cinge a fronte augusta. E todavia, durante este longo periodo, nem um desmaio no Seu animo, nem uma fraqueza na Sua coragem invicta, nem um desvio na Sua linha de conducta immaculada, nem a mais leve oscillação d'aquella intelligencia d'aguia.

Que de beneficios para a sociedade christã durante este, felizmente longo, Pontificado! Não é para aqui enumeral-os, nem de leve. E sem embargo, não tem sido de leite o mar em que a Barca de Pedro tem navegado durante o Seu governo. E' que Elle, o Immortal Leão XIII, era o Papa de que a Igreja precisava agora. Que Elle viva! Que Elle reine!

*Dominus conservet Eum et vivificet Eum, et Beatum faciat Eum in terra, et non tradat Eum in animam inimicorum ejus.*



## Secção doutrinal

### A ESPERANÇA



ESPERANÇA é a segunda virtude theologal, pela qual esperamos fruir um dia a felicidade sempiterna, que con-

siste na vista clara de Deus: e temos a firme confiança, de que Deus nos não faltará com os soccorros precisos para adquirirmos esta felicidade. (D. Thom., 2, 2, 9. 17).

A lembrança continua da beatitude eterna, que é o objecto da nossa esperança, diminhe o peso dos trabalhos d'esta vida, dulcifica as amarguras do coração, aplaná e facilita os caminhos da salvação, animá-nos ao combate, consola-nos na tribulação, e garante nos a corôa da gloria eterna, se até ao fim combatermos com denodo.

O temor de Deus, bem orientado, é filho da esperança, e casa-se perfeitamente com ella. Porque as almas que esperam fortemente, conservam sempre radicado no seu coração o temor.

Attentando na bondade, na misericordia de Deus, e no desejo que tem da nossa salvação, *esperamos*. Lançando um olhar sobre as nossas faltas e fraquezas, *tememos*; e assim se estabelece a alliança entre o témor de Deus, que é um dom do Espirito Santo, e a esperança que é uma virtude theologal. N'isto diz Harphio, misturamos mel com absyntho; para que o salutar amargor do temor, possa assegurar-nos a salvação, temperado com a doçura da esperança que é um effeito da providencia sobrenatural de Deus. O temor combate o orgulho e a arrogancia da nossa natureza, produzindo a humildade, a vigilancia sobre as nossas paixões, e a precaução, em face dos inimigos da salvação; porisso dizia o apostolo S. Paulo: *trabalhae na vossa salvação, com temor e tremor*.

E' coisa louvavel confiarmos-nos a Maria, rainha do céo, aos Anjos e bemaventurados, porque Deus no-los apresenta como nossos protectores e sustentaculo. O Senhor deu-lhes o paraíso, porque elles corresponderam ás suas graças, e o mereceram pelas suas obras, que são o meio de alcançar a felicidade: *Se queres entrar na vida observa os mandamentos*.

Por causa da providencia paternal de Deus, devemos *esperar* coisas grandes e magnificas! Ainda que tenhamos commettido as maiores abominações, se pedirmos perdão recorrendo á penitencia, não podemos duvidar da liberdade e da misericordia infinita.

O' Deus, exclama o real propheta no seu psalmo *miserere*, ó Deus vós não podeis desprezar um coração constricto e humilhado.

Porisso esperemos humilde e firmemente a felicidade eterna.

Esta esperança, deve de ser a nossa ancora no meio das mais terriveis tempestades da vida; os nossos peccados são muitos e grandes, mas não ha mancha que o sangue do nosso Redemptor não faça desaparecer. Recordemos sempre as suas chagas sagradas, firmemos-nos na Igreja e nos mandamentos, que Elle nos defenderá e conservará.

Na esperança encontramos o segredo da força e da perseverança dos santos. Para elles a vida é um tempo de prova; porisso caminham vergados sob o peso do trabalho do apostolado e da penitencia.

Deante d'elles brilha o pharol luminoso da esperança, promettendo-lhe um desembarque feliz na passagem do tempo para a eternidade.

*Elevare, consurge*, Jerusalem! Exclama o nosso amavel Thaumaturgo de Lisboa: Coragem alma minha! sobranceia-te aos appetites da carne! Eleva-te acima das seducções do mundo! E á hora da morte terás confiança! Os Anjos e os Santos, te felicitarão, emquanto que os voluptuosos, serão cobertos de confusão, e despojados de toda a honra.

Quando souo para Santo Antonio a hora desejada do descanso eterno, bem merecido pela sua vida de trabalhos, esqueceu todas as coisas, e ficou absorvido contemplando um objecto que os circumstantes não logravam vêr. Então lhe perguntou um dos que lhe assistiam: *que vez meu irmão?* Vejo o meu Deus! respondeu elle continuando na contemplação do seu amado Salvador. Jesus tinha-lhe apparecido, para lhe annunciar, que o inverno das provas havia passado, e que o paraíso com todas as suas delicias se ia abrir para elle.

A cada passo encontramos nos sermões de Santo Antonio, os seus pensamentos habituaes sobre a esperança: «A aguia nos diz elle paira nas altas regiões do ar; é nas alturas que ella faz o seu ninho, e d'ahi mesmo descobre o seu alimento. E' nas altas regiões do céo, que o christão colloca a sua esperança. O seu corpo está na terra, mas a sua alma eleva-se continuamente para Deus. N'elle encontra o alimento que a nutre e que a faz crescer de virtude em virtude. O passaro tem duas azas para fender os ares; o christão tem duas azas pa-

ra chegar a Deus—a fé e a esperança. Estas duas azas alevantam-o das coisas visíveis do mundo, e transportam-o ás coisas invisíveis que estão em Deus.

O passaro nasceu para voar: o seu vôo é tanto mais ligeiro, quanto menos é a resistencia que lhe offerece o ar em que se agita; fende o espaço e lucha contra as maiores tempestades.

A alma que espera em Deus, dirige para elle todos os seus pensamentos; as mais rudes provas não são capazes de abatel-a; porque a grandeza das suas esperanças sustenta-a e fortifica-a.

A esperança tem por symbolo a ancora dos navios. Aqui somos como a nau batida pela tempestade, porque atravessamos o mar tempestuoso do mundo onde as paixões nos accommettem sem cessar.

Contra todos estes males, temos o grande refugio que nos aponta o apóstolo S. Paulo—a esperança. Porém para que ella nos salve, é preciso que seja acompanhada do temor de Deus.

Tambem o marinheiro luctando contra a tempestade tem dois poderosos sustentáculos: o temor da morte, e a esperança da salvação. Se lhe roubaes o temor, cairá n'uma segurança que lhe será fatal. Se lhe arrebatades a esperança, o temor lançal-o-ha no abatimento, e paralyzar-lhe-ha as forças.

Para luctarmos com as tempestades que ameaçam a nossa alma, tambem Deus nos outorgou o temor, e a esperança.

O temor inspira na fraqueza a grandeza do perigo e a esperança apoiada nas promessas de Deus e na efficacia da sua graça.

A esperança só, lança-nos na presumpção. O temor, sem a esperança, abysmanos no desespero. Porisso diz o Psalmista, servi a Deus com temor, e alegrae-vos n'Elle, com temor.

As quedas deploraveis de que somos testemunhas nos gritam bem alto. Aquelle que está em pé, cuide em não cair. Mas que este temor se não converta em desespero: Servi a Deus! com temor, mas alegrae-vos n'elle; eis aqui a esperança!

Ainda que Deus nos inspire este temor, que é o começo da sabedoria, cuida em inspirar-nos a confiança.

*Eis o vosso Rei, diz o propheta, que vem a vós cheio de doçura. Eis o nosso Rei, o Rei do céu! o Rei da gloria! Que mages-*

*tade! Vem a vós, que amor! Virá para nos castigar dos nossos crimes? Não. Vem cheio de doçura!*

Não cumpriria Elle esta propheta na sua vida mortal?

Não a estará cumprindo constantemente no sacramento do seu amor?!

Não esqueçamos que o céu onde estão postas as nossas esperanças, nos será dado comorecompensa, que é necessario merecer.

Sirvamos a Deus com amor! A sagra, da Escripura fallando do Patriarcha José que foi exalçado a tão alta dignidade, diz: «José servo humilde, e diligente.» Sejamós nós tambem humildes como convem á nossa fraqueza. Sejamós diligentes como o exige a grandeza do nosso Rei.

Este Rei para assegurar a nossa esperança nos indica com o seu exemplo o caminho que nos conduz ao céu: é o caminho da renuncia e do sacrificio. Quereis chegar ao céu? Renunciae a tudo o que vos separa de Jesus.

Imitemos os apóstolos; como elles renunciemos ao peccado, ao mundo, a nós mesmos, e desligados de tudo o que possa empecer nossa marcha sigamos a Jesus Christo!

Uma das formas mais amaveis da esperança, que encontramos na vida de Santo Antonio, é a confiança em Deus, — é a esperança habitual na sua bondade permanente. Um milagre tocante nos é referido por M. Bertilaud Bispo de Tulle.

O thaumaturgo estando em missão, bastante desviado do seu convento, prometteu a uma piedosa mulher, que depois da sua prégação, accitaria em sua casa uma frugal refeição, da qual precisava para reparar as suas forças.

A boa mulher foi a sua casa preparou tudo, e depois voltou á Igreja para ouvir o sermão do Santo. Na volta quando se vinha aproximando da sua casa, ouviu gemidos e gritos de afflicção; prestou mais attenção, e convenceu-se que alguma desgraça havia em sua casa. É de facto; quando sahio deixou uma creança confiada á sua creada; esta veio á rua, e n'esse momento, a creancinha precipitou-se n'uma caldeira d'agua, que fervia.

Quando a mãe chegou, o filhinho era já cadaver. A pobre mãe desolada apertou-o contra o coração, envolveu-o em um lençol, e animada de uma coragem heroica, collo-

cou-o n'uma habitação visinha á sala do jantar. Passados instantes, o Santo entrou, assentou-se, e quando estava comendo, notou que a sua beifeitora estava muito mortificada. Com muita serenidade lhe disse que admirava não vêr em cima da meza algumas maçãs. «Não as tenho respondeu a pobre mulher, meio confundida». Não as tem! tornou o Santo. Pois eu estou vendo um açafate cheio, por esta porta que está entre-aberta. A mulher levantou-se e dirigiu-se para o quarto onde estava o pequenino cadaver.

Qual não é a sua alegria e espanto quando em vez da forma rigida e desfigurada, vê o seu bello menino cheio de vida, sentado em cima do açafate, e sustentando em cada uma das mãos duas bellas maçãs. A mãe cheia de alegria e reconhecimento, collocou aos pés do Santo o resuscitado, das mãos do qual o Thaumaturgo portuguez recebe as maçãs que lhe offerecia.

Nas horas mais crueis da nossa vida, recorramos a Santo Antonio, que nos ensinará a esperar com toda a confiança na misericordia de Deus.



### Santo Protector para o mez de Março

*Beato Antonio de Stronconio.* — Stronconio, pequena villa da Umbria, na diocese de Narni, foi o berço d'este glorioso Beato da Primeira Ordem Franciscana. Descendente da nobre familia dos Vinci, herdou lhe, com o sangue, não só a nobreza e a illustração, mas a virtude, timbre da sua prosapia.

Seus paes que eram dois virtuosos terceiros de S. Francisco, deram-lhe, a par da educação litteraria, a religiosa. Por sua parte o joven Antonio, dotado d'um genio docil e bom, deixava influenciar-se dos ensinamentos e exemplos dos dois virtuosos Terceiros. Desde os mais tenros annos evitava a companhia das creanças da sua idade, abstinha-se dos brinquedos proprios da sua condição, para se retirar ao seu aposento e orar, lêr e meditar. Este amor pela solidão e pelo silencio, e a leitura da vida de S. Francisco que era frequente no lar domestico, e ainda o exemplo do B. João de Vinci, filho tambem de S. Francisco, geraram no espirito de Antonio, bem cedo, a vocação religiosa.

Tinha apenas doze annos, quando bateu á portaria do convento de Stronconio, pedindo ingresso no noviciado.

Admittido, torna-se em breve o espanto dos companheiros e dos mestres de noviços.

Da sua educação seraphica incumbiu-se, durante os primeiros annos de professo, o seu tio paterno, o B. João de Vinci, que passados tempos a encarregou ao B. Thomaz de Florença.

Alumiado por tão grandes luzeiros de santi-

dade, Antonio não podia deixar de ser um santo. A sua penitencia, oração continua, amor de Deus e do proximo, tornaram-no digno das inspirações divinas que lhe abundavam, e dos muitos cargos que a Ordem lhe confiou.

Foi eleito mestre de noviços, chegando a ter debaixo da sua sabia direcção sacerdotes e doutores illustres, a quem expunha com admiração de todos, a sagrada Escripura, e as questões mais subidas da Theologia e Lithurgia christã. O Papa Martinho v escolheu-o para combater os Fraticellos, apesar da sua humilde condição de irmão leigo, e a Ordem nomeou-o muitas vezes para superior e director de muitos conventos.

Morreu no convento de S. Damião, junto de Assis, rodeado das lagrimas dos irmãos a quem alentou e guiou na senda espinhosa e ardua da virtude, em 1461 com oitenta annos de idade gastos em fazer bem.

O seu corpo, templo impoluto da Santissima Trindade, conserva-se ainda hoje incorrupto, no convento de Stronconio, para onde o trasladaram em 1806.

Foi sempre invocado com fruto, como protector da boa morte.



### Virtude a imitar

*O amor da solidão e do silencio.* — Esta virtude se não é uma das fundamentaes da perfeição christã, é condição indispensavel, sem que não poderá subsistir. Se não é a base d'esse edificio, e o seu parapeito, o antemuro que o defende dos assaltos e revezes multiplos que tentam minal-o.

A alma recolhida, attenta no seu destino sobrenatural, fixa o grave problema da sua salvação, mede as suas forças e fraquezas, esquadrinha os defeitos do genio e do seu caracter, fala com Deus e Deus com ella; o céo é a occupação da sua mente.

A alma distrahida preoccupa-se de tudo e de todos, menos de si mesma, e do que respeita ás graves questões da Eternidade. Irreflectida, volúvel, inconstante, é como a folha sêcca que o vento leva a seu prazer: nada pesa, em nada reflecte, tudo faz precipitadamente, sem merito para o céo.

A distracção mata a virtude, como a sciencia. O sabio para o ser, retira-se á conversação dos livros, e na solidão do seu gabinete medita continuamente nos problemas scientificos; o poeta e os mais artistas fazem outro tanto. A alma desejosa da perfeição, para se modelar pelo divino Prototypo retira-se do mundo e a sós comsigo copia-lhe os traços de belleza sobrenatural, que lhe fallecem.

A tibieza é filha da distracção. O balsamo mais aromatico evapora-se se não estiver bem fechado; o coração distrahido dissipa-se. O ferro caudente exposto ao ar arrefece, a alma mais abrazada em amor celeste, fóra da solidão, entregue ás conversações mundanas, perde todo o calor divino.

A boa reputação conquista-se e conserva-se com o retiro e solidão religiosa. Uma conversação habitual e familiar, põe a descoberto os se-

nões e eivas da nossa indole, que ficariam occultos aos olhos do publico nas sombras da solidão.

A flôr solitaria das campinas tem para todos mais poesia, attractivos e graça, porque raras vezes a contemplamos; as do nosso jardim, que todos os dias vemos já nos não delectam a vista.

Foi o amor da solidão e do silencio, que conservou a innocencia do nosso Beato Antonio de Stronconio, que lhe grangeou a vocação religiosa, a sciencia celeste de que era dotado, a caridade, a penitencia em que tanto se salientou.

Se pretendemos ser homens de espirito amiguelmo-nos com o retiro e solidão, e fujamos das conversações inuteis

Deus aborrece as almas distrahidas, e foge dos corações dissipados.



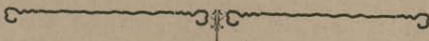
#### Indulgencias Plenarias

No dia 6. — S. Coleta, Virg. da 2.<sup>a</sup> O.

No dia 9. — S. Catharina de Bononia.



## Secção historica



### Convento e Igreja de Santo Antonio em Aveiro

**A**NTES de passar ávante, farei aqui a rectificação de um erro, que, de certo, proveio de se haverem deixado de compor algumas linhas do original.

No principio da primeira noticia biographica, na primeira columna de paginas 393 d'esta revista, faltaram umas linhas, sem as quaes não se sabe, a quem a mesma noticia se refere. São as seguintes:

*Frei Sebastião de Monsanto.* — Era descendente de uma distincta familia e natural da Villa, de que tomára o nome e que pertencia ao Bispado da Guarda.

Entrou para este convento, sendo Guardião Frei Francisco de Idanha, e aqui tomou o habito em 6 de Julho de 1649.

#### XXII

Na classe de leigos, tambem alguns religiosos se tornaram notaveis. Fallarei, apenas, de dois, porque só d'elles pude ter mais amplas noticias.

\*

*Frei Simão de Aveiro.* — No seculo foi chamado Simão Tavares e pertencia e estava ligado com as principaes familias de Aveiro e com algumas de muitas outras terras.

Foi notavel como leigo e como Aveirense. A sua historia é muito digna de contar-se.

Nasceu em 1484. Era filho de Gonçalo de Tavares e de D. Catharina de Castro. Era neto paterno de Pedro de Tavares, Senhor da terra, de que tomou o appellido.

Tavares era da Comarca de Lamego e ali havia um castello, que já nò tempo de El-Rei D. João V se achava muito arruinado.

D. João II, por mal informado, havia tirado a Pedro de Tavares as Alcaidarias môres das Villas de Portalegre, Assumar e Alegrete.

Estando o mesmo Rei em Evora, ia para commungar, quando Pedro de Tavares se lhe apresentou e impediu-o d'isso, dizendo-lhe, que, achando-se aggravado, não permitiria, que El-Rei commungasse, sem o ter indemnizado dos prejuizos, que soffrêra com a perda d'aquellas Alcaidarias.

D. João II prometeu indemnisa-lo, dando-lhe o Senhorio da Villa de Mira e foi então commungar.

Simão de Tavares, como os seus antepassados foi Senhor de Mira e teve tambem o senhorio dos disimos do pescado de Aveiro.

Foi estribeiro-mór do Cardeal D. Affonso, filho de El-Rei D. Manoel e chegou a ter mais de doze mil cruzados de renda, quantia importantissima para aquellas epochas.

Foi casado com D. Isabel da Fonseca, filha de João da Fonseca, senhor da Ilha das Flôres.

Tendo viuvado em 1544, entrou pouco depois para este convento e aqui professou, conservando-se sempre na humilde posição de leigo, apesar das instancias dos religiosos, para seguir a profissão de clerigo. E, para ella, não lhe faltavam habilitações.

Tornou-se notavel por sua humildade e penitencias, sujeitando-se aos trabalhos mais rusticos, servido de exemplo aos virtuosos e de licção aos arrependidos.

As lagrimas, os cilicios, os jejuns e as mortificações foram as armas de combate, com que triumphou heroicamente dos enga-



nos do mundo. D'este mais nada quiz saber, e, quando fallava com seus filhos, e elles lhe lembravam os negocios da sua casa, respondia, que já se considerava morto e, por isso, nada tinha com os negocios mundanos.

Por obediencia e serviço da sua ordem, esteve algum tempo em Braga, no Convento de S. Fructuoso.

Ahi o foi visitar um dos filhos e o encontrou a tratar de uma horta e fazendo os serviços mais rusticos, como se nunca houvera vivido com fidalguia, mas sempre houvera sido um simples jornaleiro.

O filho retirou-se sensibilizado com tal procedimento; e contente, por ter um pae tão amante da humildade. Frei Simão retirou-se, pouco depois, para o seu convento de Aveiro e aqui falleceu em 1556 com oitenta e tres annos de idade e vinte e tres de habito.

O auctor da *Chronica da Soledade*, fundando-se no que, a tal respeito, diz o *Agiologio lusitano*, affirma, que elle fallecera no dia 6 de Maio. E o Snr. Marques Gomes tambem segue a mesma opinião.

No entanto, a *Chronica da Piedade* parece affirmar, que elle fallecera em 25 de Dezembro.

No corredor, que vae do claustro para a Egreja, está uma inscripção metida na parede e aberta em uma pequena pedra quadrada.

E' o epitafio de Frei Simão de Tavares ou Frei Simão de Aveiro. Já d'elle dei copia, quando fallei das inscripções ou letreiros, existentes no mesmo corredor.

D'elle tambem dão noticias as *Chronicas*, a que me referi, bem como a *Chorographia* do Padre Antonio Carvalho da Costa, o *Diccionario Geographico* do Padre Luiz Cardoso e outros escriptores, que tem dado noticias, mais ou menos circumstanciadas, a respeito de Aveiro.

\*

*Frei Diogo da Beira.* — Tomou o nome generico da Provincia, onde nascera e não é possivel saber o da sua localidade nem os dos seus progenitores.

Foi muito dado á contemplação e, como virtuoso e perfeito, resistia sempre ás distracções e ás tentações, de que era accommettido, quando orava.

Era muito devoto da paixão de Christo

e, quando n'ella meditava, derramava muito pranto.

Foi muito amigo de D. Diogo da Silva, que, de simples franciscano, subiu ao logar eminente de Arcebispo de Braga.

Em quanto este prelado era apenas um humilde religioso, acompanhava-o em diversas jornadas.

N'uma d'estas, ouviram umas extranhas e aterroradoras vozes, que D. Diogo, apesar de muito illustrado, não pôde comprehender.

O leigo, porém, menos por sua sciencia, do que por inspiração divina, soube responder-lhe, «que taes vozes eram de uma alma, que se havia perdido, por ter feito um juramento falso.»

O futuro Arcebispo tanto ficou impressionado com a resposta do seu humilde companheiro, que, desde então, sempre aconselhou, que ninguem cahisse em tão prejudicial crime.

Segundo affirma o *Agiologio Lusitano*, Frei Diogo da Beira falleceu, no Convento de Santo Antonio de Aveiro, em 17 de Maio de 1582.

\*

\* \*

Em diversas épocas e em diversos conventos falleceram alguns sacerdotes e leigos, que n'este haviam professado ou por algum tempo aqui viveram, e que deixaram honrosa memoria de seus nomes.

Apontarei aquelles, de quem tive mais amplas noticias, sem guardar n'esta parte a ordem chronologica, para evitar delongas.

O Padre Frei Geraldo de Braga professou n'este convento, quando era prelado Frei Antonio de Baião, prégador muito notavel.

No seculo chamava-se Fructuoso da Graça, mas, pela sua muita devoção com S. Geraldo, mudou o nome, tomando o d'este santo Arcebispo bracarense.

Foi Guardião em diversos conventos da Provincia da Soledade e, sendo-o no do Valle da Piedade, foi eleito custodio e, pouco depois, foi eleito definidor.

Aconselhava sempre obediencia ao prelado, no que fôsse justo, ainda que parecesse extraordinario.

Ajudava á missa e fazia outros serviços humildes, apesar de já exercer elevados cargos.

Caritativo e sincero, nunca deixou de servir nos actos mais simples, como se fôra servo das casas, onde vivia.

Quando já velho, faltavam-lhe as forças, mas não o juízo, que sempre conservou com toda a lucidez até á sua morte.

Com oitenta e dois annos de idade e com perto de sessenta e cinco de religioso, falleceu no convento do Monte Franqueira, em 22 de Janeiro de 1742.

Achou-se incorrupto o seu cadaver, quando, junto á sua sepultura, foi enterrado, em 11 de Setembro de 1754, o Padre Confessor Frei Manoel de Montalegre.

\*

*Frei Francisco de Monsanto.* — Foi chamado Thomé e era irmão de Frei Sebastião de Monsanto.

Professou em Evora em 2 de Junho de 1645 e morreu no convento de Thomaz em 24 de Julho de 1685 com sessenta e cinco annos de idade e victima de uma hydropesia.

Emquanto esteve no Convento de Santo Antonio de Aveiro, empregava-se muito na cura dos doentes, tanto dos que existiam n'esta casa, como dos que viviam em diversas casas d'esta povoação.

Para estes, era chamado não poucas vezes e era consultado na cura de alguns achaques, porque d'isso tinha muita pratica e muito estudo.

Taes trabalhos nunca o affligiram, ainda que tivesse de tratar de pessoas, atacadas de feridas asquerosas e repugnantes.

A muitas pessoas pobres ensinava a maneira de fazer alguns remedios, evitando-lhes assim não poucas despesas.

Por o que fica exposto bem se vê, que Frei Francisco de Monsanto foi um benemerito e um verdadeiro protector das classes desfavorecidas da fortuna.

\*

*Frei Manoel de Esgueira.* — Professou no Convento de Santo Antonio dos Olivaeis, d'onde passou a viver no de Santo Antonio de Aveiro, segundo affirmava um velho manuscrito, que encontrei n'uma livraria, que havia pertencido a um egresso d'este mesmo convento.

Foi leitor de Theologia e qualificador do

Santo Officio, e depois foi Custodio da Provincia da Soledade.

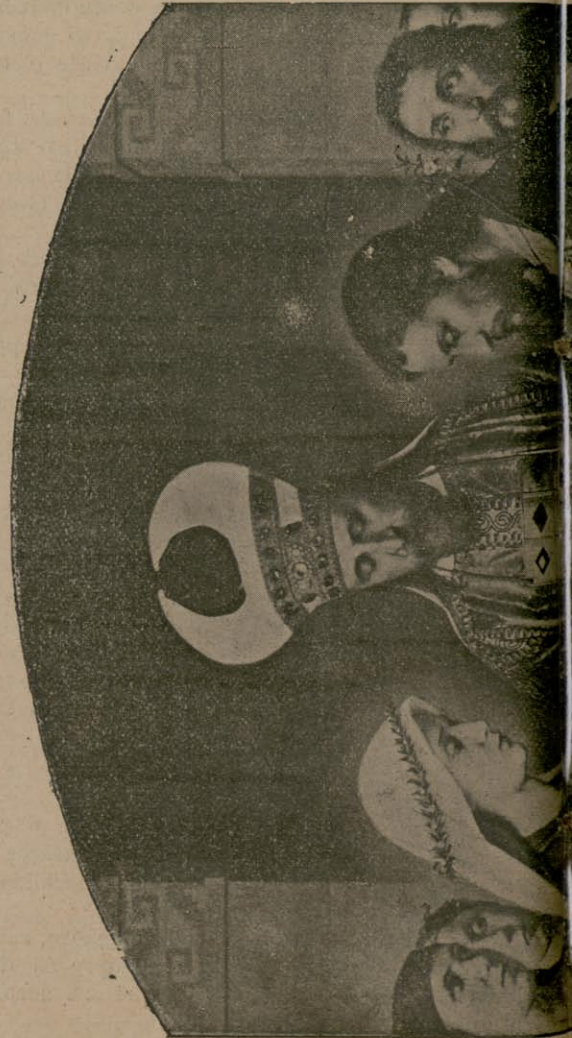
Com trinta e sete annos de habito falleceu no Convento de S. Fructuoso, de Braga, em 12 de Novembro de 1739.

Esgueira é uma freguezia, que fica muito proxima de Aveiro e foi algumas vezes a cabeça da Provedoria, quando Aveiro tinha donatarios.

Hoje por uma boa estrada, quasi toda cheia de boas edificações, está Esgueira tão ligada com esta cidade, que póde reputar-se um bairro de Aveiro.

\*

*Frei Marcos de Portalegre (Leigo).* —



Aqui professou e aqui viveu por longo tempo, sendo sempre tão assiduo nos trabalhos, como em empregar na oração as horas de que podia dispôr.

Era muito devoto de S. Francisco e muitas vezes orava na Igreja, deante da Imagem do mesmo Santo.

Essa imagem não é a que actualmente ali se venera, e não sei, que destino teve.

Uma noite estava Frei Marcos orando na Igreja e deante d'essa imagem e com tal fervor o fazia, que, em elevado extasis, disse: *Ut jumentum factus sum apud te.* (Na tua presença, sou como um irracional).

Tornou-se menos notavel nas letras e

no talento, do que nas virtudes, especialmente na oração, nos jejuns e nas penitencias.

Foi porteiro e, em quanto exercia esse cargo, pedia muito a S. Francisco, houvesse de desculpal-o, por não poder empregar mais tempo na oração.

Falleceu no Convento da Piedade de Villa Viçosa, em 7 de Maio de 1570.

Celebrava-se então a festa da Ascensão do Senhor, com que Frei Marcos sempre tivera muita devoção.

E, quando no Côro se entoava a Antiphona = *Vidente bus illis, elevatus est et nubes suscepit erun in Caelo* = (A' vista d'elles elevou-se e uma nuvem o conduzia



ao Céu), como tanto desejava e como havia predicto; entregou a alma a Deus.

Frei Marcos de Portalegre era irmão de Frei Affonso de Portalegre, sacerdote muito notavel e que, em 8 de Julho de 1564, falleceu em Chaves, no Convento de Santo Antonio, onde foi sepultado.

(Continúa).

R. DE QUADROS.



### PENSAMENTOS

Um sermão nunca foi uma symphonia religiosa, executada entre o céo e a terra. Por isso mais vale assistir a um magestoso preludio de Beethoven ou ás mimosissimas sonatas de Mendelsohn.

P. GONZAGA CABRAL (Vieira-Prégador).

As chagas da sociedade para cauterizadas demandam ferro e fogo, e a maior parte dos prégadores contentam-se com applicar-lhes o lenitivo d'umas cantilenas maviosas e delicadas.

B. JOÃO D'ANILA (Vieira-Pregador).

Muitos ecclesiasticos não pregam para converter, pregam para subir Sobem á cadeira evangelica, para subirem á cadeira episcopal; põem a sobrepeliz e a estola para que lhe ponham o mantelete e a mitra; emfim, são prégadores para virem a ser bispos.

LA BRUYÈRE (Vieira-Prégador).

Christo Senhor Nosso escolheu os seus Apostolos para pescadores de homens e não de dinheiro.

HUGO CHARENSE (Vieira-Prégador).

Existe uma sympathia mysteriosa entre as almas. São outras tantas lyras que vibram no mais perfeito unissono, quando uma d'ellas é pulsada pelo plectro. Por isso quaes forem as vibrações da alma do prégador, taes serão as vibrações da alma do ouvinte; e se quizermos que estas vibrem a unissono com o céo, deixemos que a aragem do ceu pouha em vibração a nossa alma.

P. GONZAGA CABRAL (Vieira-Prégador).

Não ha convencer sem profundas convicções de intelligencia; não ha mover sem intimas commoções do coração.

O MESMO.

Não ha outro electrisador para o coração, senão o mesmo coração. Se o coração do prégador estiver frio, frios ficarão tambem os corações d'aquelles a quem dirige a palavra.

O MESMO.

## S. Gonçalo de Lagos (1)

ERA o unico Santo do Algarve em 1760, e estamos convencidos que ainda o será hoje, porquanto não nos consta que depois d'essa data aquelle reino havia produzido nenhum mortal possuidor das virtudes christãs em grau heroico.

Pertenceu á Ordem dos Eremitas de Santo Agostinho e nasceu na cidade de Lagos de paes conhecidos pela virtude mas membros de geração humilde.

Cresceu Gonçalo e com elle a virtude, fructo do ensino e exemplo dos paes.

Aproveitando o ensejo da vinda de uns parentes á côrte, pediu Gonçalo para vir em sua companhia; chegou a Lisboa, não teve outros cuidados, não deu passos nem occupou os olhos mais que em vêr mosteiros e templos, notando o modo de vida em todos, até algum lhe igualar os desejos.

Chegou emfim o dia em que a Providencia determinára dar a Santo Agostinho esta preciosa joia; entrou na igreja de Nossa Senhora da Graça e sentiu uma inspiração interior que lhe dizia ser aquella a casa que buscava; levantou-se da oração, buscou o prior do convento e pediu humildemente o habito; e como os que a Providencia manda, differem dos que a diligencia busca, tanto o prior como os religiosos se lhe mostraram desde logo muito affeiçoados, recebendo poucos dias apoz o habito da ordem.

Eram reitores da Universidade, (que n'esse tempo estava em Lisboa), os priores da Graça e lentes os religiosos do mesmo convento; aqui estudou S. Gonçalo artes e theologia sendo a breve trecho ordenado presbytero e entregando-se á prégação por fórma que a sua fama dentro em pouco era geral no reino, publicada pelos que a sua virtude e a sua doutrina remedeava.

Dizia missa com piedade tão rara que o povo, attrahido da noticia, concorria com excesso e alvoroço a ouvi-la, e vendo-o, adquiria devoção com tal abundancia que sempre lhe durava além da solemnidade.

Nunca teve outra cama nem alfaias,

(1) Apontamentos sobre a vida do insigne Thaumaturgo algarvio extrahidos da *Academia dos Humildes e Ignorantes*, Lisboa, 1760. (a pag. 447 e seguintes do vol. III.)

mais que uns molhos de vides seccas ; sobre ellas descancava tres horas antes de ir para matinas, vestido, sem cobertor, nem travesseiro, nem ainda quando estava molesto por mais que lhe insinuassem o perigo. Depois de matinas ficava no côro até pela manhã orando com tal fervor e attenção de espirito que, não podendo conter no coração o fogo, desabafava em lagrimas e suspiros com excesso, não lhe lembrando que podia ser ouvido.

Ninguém mais que elle, humilde, ninguém com egual caridade ; ninguém mais no silencio observante. Fallava unicamente o preciso e ainda então o fallar lhe era tormento.

Assistia aos enfermos com disvelo tão raro que d'alli a morrer de compassivo apenas faltava expirar junto ao doente quando o via ou temia perigoso.

Só officios humildes procurava, estes eram a sua alegria, e quanto mais publicos, como pedir esmola, mais satisfeito se mostrava, exercendo-os ás vezes até a cantar.

Foi eleito prior do convento de S. Lourenço no anno de 1394, um dos mais antigos mosteiros da ordem e situado junto á villa de Lourinhã.

Acabado o biennio do seu governo foi chamado a Lisboa e eleito prior do convento de Nossa Senhora da Graça, vigario geral e reformador da provincia.

Passados cinco annos pedia o demittissem do seu cargo, chorando diante dos padres do concilio que convocara para tal fim.

Foi então eleito prior do mosteiro de Santarem e logo a seguir de Torres Vedras, aonde passados dez annos morreu.

São innumerados os milagres que por sua intervenção téem obtido os que a elle precisaram recorrer ; por este motivo é justamente cognominado o thaumaturgo do Algarve, classificação de sobejo merecida attendendo ao que rezam as chronicas e a tradição.

BATTAGLIA RAMOS.



#### ANECDOTAS

*Ao sahir d'um sermão.* — Não ha muito que ao sahir de um sermão recitado por um d'esses oradores a que chamam da moda, se estabelecia entre dois ouvintes este dialogo significativo. — Meu amigo não se pode negar que o orador nos

expoz verdades que não teem replica. — Poder ser. — O que ? serias tu capaz de as refutar ?

— Não sei. — Mas n'esse caso não te parece que isto é coisa seria, e que é força mudar de rumo ?

— Tanto como isso, não. — E porque ?

— Ora ! porque nem ao prégador lhe parece assim ; tu bem sabes quem elle é.

— *Nas ruas de Pariz.* — Um estudante da Universidade de Pariz passeava uma tarde em companhia de alguns amigos pelas ruas da grande capital. De assumpto, em assumpto veio a conversação a cahir em materias religiosas. Hoje em dia é moda falar de tudo, e veem-se muitos d'estes profanos, sem outra competencia que a que pode dar-lhe um jornal de caricaturas, ou um romance realista, mettidos a theologos, e julgando-se com força para derrubar com um sorriso de mofa a pyramide gigantesca, que o vendaval dos seculos não pôde abalar e diante da qual se curvou reverente o longo desfilar dos grandes genios. Os amigos do nosso estudante pareciam desafiar-se a quem motejaria mais sarcasticamente as praticas de piedade e em especial a frequencia dos sacramentos.

O estudante sentiu-se ferido ao vêr como eram tratadas as crengas que aprendera a venerar desde o regaço da sua mãe ; mudou de tom, e entrou na estacada para defender os seus principios. Os companheiros escutavam-no com um d'esses sorrisos que revelam a futilidade da alma que os inspira. Quando acabou de falar um d'elles lançou-lhe este repto : Sim ? e então porque fazes tu como nós e não frequentas os sacramentos, visto parecer-te isso coisa tão boa ?

O estudante côrou, baixou os olhos e ficou pensativo. Os amigos olhavam para elle com ar de triumpho, e esperavam para vêr como sairia d'aquelle paço. Elle ergueu a fronte com não sei que firme altivez, fitou-os com olhos penetrantes e exclamou : Tendes razão ! estou convencido ! ámanhã já não tereis essa resposta contra os meus argumentos.

Hoje mesmo me vou confessar e desde hoje vêr-me-heis approximar com frequencia da sagra-da mesa. Quero que as minhas açções estejam de acordo com os meus principios. — E como disse assim o cumpriu ; o joven apologista começava n'esse dia aquella carreira de heroismos a que só havia de pôr termo a morte do martyr, quando quasi 40 annos mais tarde, cahia ferido em Quito pelas armas dos inimigos da religião.

Era Garcia Moreno. E não fôra bom que todos os prégadores tirassem d'aquelle falso raciocinio do vulgo, a mesma consequencia que lhe tirou o immortal presidente da Republica Equatoriana ?

Convidado Bocage para um lauto banquete, perguntou-lhe ao sentar á mesa um amigo se tinha appetite,

*Quando faio a sós commigo  
e o alito a bocca puxo,  
sobem-me as tripas e o buzo  
a perguntar se mastigo.*

foi a resposta do poeta. Arre ! que lazeira canina.

- N'um exame de Historia Natural.  
 — Um exemplo de um amphibio ?  
 — Um... um sapo.  
 — Outro exemplo mais explicito.  
 — Dois sapos.

♦  
 Cantiga popular de Hespanha.

*As contas do meu Rosario  
 São balas de artilheria :  
 Todo o inferno inteiro treme  
 Quando rezo a Ave Maria  
 Ave Maria, mil vezes,  
 Mil vezes Ave Maria.*



## Leituras amenas

A almoíadinha do Menino Jesus

III

**T**inha passado um anno, e chegado outra vez a Noite de Natal com essa inalteravel regularidade do tempo cujo passo apaga hoje as alegrias de hontem e secca ámanhã as lagrimas de hoje...

Muitas se derramavam aquella Noite no palacio dos Marquezes. Os creados iam d'uma parte para outra tristes e inquietos ; numerosas visitas entravam e sahiam por não encontrarem n'aquelles salões desertos quem as recebesse, nem se atreverem a penetrar na alcova de Alvarinho onde então reinava a dôr e a morte.

O menino estava agonizante.

Seu pae aquelle homem robusto e valente, de coração diamantino e membros de ferro, que jámais temor algum foi capaz de dobrar, jazia anniquillado pela dôr sobre um sofá, sem movimento, nem outro signal de vida que alguns estremecimentos nervosos e soluços convulsivos.

A Marqueza parecia tirar forças da immensidade da sua dôr ; serena exteriormente, energica, sem se mover em tres dias consecutivos do lado de seu filho, nem mesmo para tomar alimento ; apertava-o entre seus braços e examinava sem cessar aquelle rosto cadaverico, que parecia sepultado n'um letargo profundo, sem duvida precursor da morte imminente.

A seu lado, estava a Baroneza Ignez sentada junto do leito vazio sobre o qual se via uma multidão de brinquedos, com

que em vão haviam intentado distrahir o innocente enfermo.

De quinze em quinze minutos entravam dois medicos, que depois sahiam fazendo tristes augurios.

A's onze e meia a Baroneza tomou uma colher de remedio d'um frasco e pondo-se de joelhos ante Alvarinho tentou fazer-lha beber.

Sua mãe abanou-o docemente :

— Alvar... Alvarinho ! dizia ella com voz tão suave que parecia uma caricia.

Mas o menino não respondeu nem ao menos se moveu.

A respiração assimilhava-se a um queixume continuo.

A Marqueza no auge da dôr acercou os labios ao ouvido de seu filho e repetiu em voz mais alta :

— Alvaro!... meu filho!... não me ouves?... Queres a tua mãe, não queres?...

O menino abriu os olhos fitou-os n'ella sem responder palavra, levantou uma mão-sinha enfraquecida e acariciou com ella aquella face palida pela insomnia inclinada sobre seu rosto ; depois deixou-o cair extenuado e tornou a fechar os olhos.

A Baroneza intentou então metter-lhe na bocca aquelle remedio ; ultima esperanza humana ; mas tinha os dentes tão apertados que foi impossivel fazer-lh'o beber.

A Baroneza começou a chorar.

Chamon os medicos. O mais velho tinha saído e outro disse-lhe em voz baixa :

— São inuteis todos os esforços, dentro de uma hora começará a agonia.

Passados alguns momentos soaram horas. Era meia noite.

O relógio annunciava que o Menino Deus descia do céu a trazer paz aos homens de boa vontade. Um extranho phenomeno se passou então n'aquelle quarto. O Marquez levantou-se palido como a morte ; sua mulher apartou por um momento do rosto do enfermo seus olhos extraviados, para lançar em torno de si um olhar temeroso ; a Baroneza deu dois ou três passos sem direcção fixa olhando aterrada para todos os lados...

Podia-se dizer que algo extraordinario, que não era d'este mundo cruzara n'este momento a alcova, infundindo em todos esse terror mysterioso, que pega a lingua ao paladar e faz arripiar os cabellos ; esse pa-

vor divino que desperta sempre na alma o sobrenatural e milagroso.

Uma convulsão terrível agitou também o corpo do enfermo, que gritou distintamente :

— Morro, mamã!... morro!... O Menino traz-me a almofadinha!...

A Marqueza, como se fôsse movida por uma mola, levantou-se palida, e rígida como um cadáver; entregou o menino a sua prima dizendo :

— Péga n'elle.

— Que queres fazer? perguntou a Baroneza estupefacta.

— Péga n'elle, retorquiu com um accento quasi sobrehumano.

E deixando-o nos braços de sua prima sahio apressadamente do quarto, entrou no oratorio, pegou n'aquella almofadinha de Alvarinho que um anno antes tinha posto ella mesma debaixo da cabeça de Jesus Menino e voltando logo recostou n'ella a seu filho moribundo.

— Alvaro! Alvaro! exclamava ella deitando um braço ao redor do pescoço de seu marido, se Jesus o não salva ficamos sem filho!...

Reinou então um profundo silencio apenas interrompido de vez em quando por um soluço e pela angustiosa respiração do enfermo; que pouco a pouco se foi tornando menos fatigosa.

Uma hora depois era só agitada e ao amanhecer, quando os primeiros raios da aurora lhe illuminaram o rosto branco como um jasmim cortado de manhã, era sua respiração a de um somno tranquillo.

Entrou então o mais antigo dos medicos. Examinou cuidadosamente e depois perguntou se tinha tomado o remedio.

A Baroneza mostrou-lh'o intacto com o dedo.

— Pois então, disse o ancião movendo a cabeça, o Menino Jesus é quem lhes devolve seu filho.

A Marqueza levantou as mãos ao céu. O que não tinha logrado a dôr, conseguiu-o a alegria, deu um gemido e cahiu sem sentidos junto do leito de seu filho.

#### IV

Aquella Noite de Natal impressionou tanto a Baroneza, que nunca mais tornou a dar em sua casa Missas do Gallo.

Entretinha-se com sua prima a prepa-

rar o presepio para o Menino Jesus e vinha com todos os seus filhos tomar parte n'aquelle santo costume tão antigo na sua familia.

As revistas dos salões lamentavam o eclipse d'aquella brilhante estrella, enquanto seus filhos recobravam o santo calor do coração de mãe. Mas nem por ser mãe excellente deixou de ser grande senhora, nem precisou para se converter em perfeita christã passar todo o santo dia rezando na igreja, *embrulhada*, como certa dama teme, *n'um manto grande, grande, grande!*

PADRE L. COLOMA.



### A sorte é o trabalho

**S**E eu tivesse a sorte de meu irmão!... exclamava Armando o dia em que accossado pelos credores abandonava o estabelecimento que possuia n'uma das ruas mais centraes de Lisboa, declarando-se fallido.

— Nascemos debaixo de má estrella, respondeu sua Amelia, a fortuna foge de nós como o diabo da cruz!

E lançando um olhar de despedida ao estabelecimento que tão grande felicidade lhes poderia proporcionar, se a maldita da sorte os não perseguisse incessantemente, retiraram-se com as lagrimas nos olhos para ir habitar uma triste mansarda, onde os esperavam os horrores da mais profunda miseria.

Este foi talvez o dia mais amargo da vida d'aquelle desventurado par. A dôr que lhe causava a consideração do porvir, juntavam-se as mutuas recriminações que se faziam.

— Não podemos negar que a nossa ruina em parte se deve ao nosso desgoverno, dizia Armando.

Que governo queres tu onde não há dinheiro, respondia Amelia.

— Se tu fôsses mais economica!...

— Se tu ganhasses mais!...

Alfim mutuamente se absolviam, para lançar toda a culpa sobre a sorte.

Naturalmente veio-lhes de novo á memoria o irmão de Armando.

Tinha-se este estabelecido no mesmo

dia que elles n'uma rua menos central; porém de tal maneira, acudiram os compradores a sua casa que o estabelecimento modesto ao principio converteu-se em breve n'um dos mais luxuosos da capital.

Avelino, que assim se chamava o irmão de Armando, comprou a casa que tinha alugada e reformou-a segundo as exigencias do seu commercio sempre crescente.

Era esta prosperidade que n'aquelles momentos de amargura, feria mais profundamente aquelles dois infelizes esposos.

— Não é mais fino do que tu, dizia Amelia, nem o seu estabelecimento era melhor que o nosso... Não ha que vêr é a sorte que em tudo e por tudo acompanha teu irmão.

N'este momento bateram á porta.

— São os credores que nos começam a martyrisar, disse Armando.

É abriu a porta com intenção de travar a primeira batalha com o infortunio. Tinha-se enganado, não era nenhum crédor era Avelino com o seu ar jovial de sempre.

Antes que pudesse fallar, sua cunhada exclamou com as lagrimas nos olhos:

— Já vês que a desgraça nos persegue!... A fortuna está da tua parte!... Contra a má sorte não ha que fazer!..

Avelino sentou-se sem responder palavra; depois que recobrou a respiração perdida na ascensão dos oitenta degraus que lhe fôra necessario subir para chegar ás aguas-furtadas, disse:

— Bem sei que quando começou vossa ruina, entre vós não se fallava de outra coisa que da minha sorte e do vosso infortunio; e esta idéa está tão fixa na vossa mente que logo que me vistes m'a dirigistes á guisa de saudação.

— Isso é muito natural, explicou Amelia pouco satisfeita com a tranquilla attitude de seu cunhado.

— Sim, tens razão, é muito natural e por isso a minha sorte ha de vos valer algo, porque desde já me encarrego de pagar a todos os credores, de modo que não ha mais quebra.

O rosto dos dois esposos desanuviou-se ao ouvirem estas palavras.

Antes que podessem exprimir a sua gratidão, continuou Avelino.

— Sob a minha fiança podeis pedir tudo o que vos fôr necessario para continuar o negocio como se nada houvera succedido.

Armando abraçou seu irmão com toda a effusão da sua alma; e por um momento as lagrimas de dôr de Amelia trocaram-se em lagrimas de alegria e regosijo.

— E não temos que fallar mais d'isto, disse Avelino furtando-se ás expressões de gratidão de que estava sendo alvo.

— Temos, sim senhor, disse Amelia commovida. Este teu beneficio é digno da nossa eterna gratidão; mas presagio que será inutil, porque a sorte não nos acompanha. Se tivéssemos a tua!

— Avelino ficou pensativo por alguns momentos.

— Pois tel-a-ás... disse alfim. Sabeis a que devo toda a minha fortuna?... Escutae:...

Que momentos aquelles para aquelles esposos arruinados!...

Elles, que ha pouco se julgavam os mais desgraçados de todos os mortaes, viam não só restabelecidos todos os bens que antes gozavam, mas ainda iam saber o grande segredo de enriquecer... talvez o modo de fabricar o oiro, ou — quem sabe? — talvez o logar onde se encontravam minas e minas de diamantes!...

— A minha fortuna, continuou Avelino, devo-a a uma pedra que me vendeu uma cigana por cinco mil reis. Entrar-me a pedra em casa e começar a fortuna para mim foi tudo um... Como eu já tenho mais que o sufficiente, quero vos fazer presente d'ella.

Esta offerta era o cumulo da generosidade!...

\*

No dia seguinte Armando voltou ao estabelecimento começando de novo cheio de confiança no porvir.

Avellino não faltou á sua palavra. Logo de manhã trouxe o precioso talisman, que não passava d'uma pedra vulgar metida n'uma pequena caixa de vidro.

— Ha uma condição a observar para que possa produzir os beneficios desejados: *Emquanto estiver o estabelecimento aberto, desde as oito da manhã ás nove da noite, deveis um e outro lançar-lhe um olhar de meia em meia hora.* Foi assim que eu enriqueci.

Que lhes custava uma coisa tão facil? Prometteram cumpril-a escrupulosamente.

Para maior commodidade foi o talisman collocado junto ao mostrador, onde a cada instante podia ser visto por ambos.



No primeiro mez o negocio não deixou grande coisa; mas a fé animava o coração de Armando e sua esposa, e o exemplo de Avelino era garantia segura de que alcançariam com o tempo as riquezas tão appetecidas.

No segundo mez já augmentaram bastante os rendimentos; ao fim de meio anno o credito do estabelecimento era extraordinario.

Então começou a paga dos emprestimos que Avelino lhes tinha feito, e apenas passado um anno Armando já tinha um pequeno capital. Amelia não só olhava para a pedra, mas beijava-a e venerava-a como se fôsse uma insigne reliquia de que se não desfaria por nenhum preço.

Eram passados quatro annos, Armando tinha já assegurado o seu futuro. Uma manhã, Avelino apresentou-se inesperadamente em casa de seu irmão para levar a sua pedra, visto que já não precisavam d'ella e bastante se tinha elle sacrificado privando-se por tanto tempo de tão grande prenda.

Produziu immensa pena principalmente em Amelia, este pedido; mas não havia meio de o declinar e até a gratidão a obrigava a não pedir uma proróga de tempo.

Quasi com as lagrimas nos olhos restituíram-lhe aquelle grande thesouro, que Avelino sempre sorridente acceitou e sahindo á porta do estabelecimento, atirou com ella a um cano de esgoto que ali havia.

— Está louco!... exclamou Armando.

— Isto é uma infamia! gritou Amelia furiosa.

Avelino ouviu todas estas expressões com a sua tranquillidade costumada. Depois chamando-as á parte com palavras pausadas e graves, coisa pouco commum n'elle, lhes disse:

— Essa pedra não era nenhum talisman; era uma pedra commun. Peguei n'ella da rua o mesmo dia em que vos emprestei o dinheiro para de novo abrires o estabelecimento.

— Mentira! exclamaram Armando e Amelia ao mesmo tempo.

— Verdade explicou Avelino.

Eu não devo a minha fortuna senão ao meu trabalho e o mesmo podeis dizer vós.

Arruinastes-vos, porque tu passavas o dia nos cafés e a noite no theatro, pretextando que tratando-se com muita gente se arranjavam freguezes. E tu, continuou di-

rigindo-se a sua cunhada, passavas tambem todo o dia em visitas e passeios, o que te obrigava a gastares em vestidos mais do que podias e a descurar a vigilancia da casa. Os freguezes eram maltratados, não voltavam e os caixeiros podiam roubar á vontade. A obrigação que vos impuz de vêr a pedra cada meia hora, vos obrigou a estar continuamente em casa, por isso com os mesmos elementos com que uma vez cahistes na miseria, chegastes agora a fazer fortuna porque tendes trabalhado.

Tomando outra vez seus modos joviaes saiu deixando seu irmão e cunhada convencidos com os factos. Armando exclamou então:

— *A sorte era o trabalho e eu não o sabia.*

PASTOR.



## Culto de Santo Antonio

### O Pão de Santo Antonio

#### Explicações

(Conclusão)

Os inimigos de Santo Antonio, rematam a sua série de objecções contra a grandiosa obra do «Pão dos pobres» affirmando, que «esta devoção escandalisa certas almas, e que por isso deve desapparecer».

Escandalisa certas almas!!!... Mas que almas? Permittam-nos a interrogação: os catholicos verdadeiramente instruidos e serios, não; porque ainda que estes analysem muito por alto os solidos principios em que ella se firma, não poderão deixar de concordar connosco, que é uma obra, em si irreprehensivel e sã, e salutar em seus oppostos resultados.

Os incredulos e livres-pensadores? Estes nem todos; porque ha muitos que apesar de não se inclinarem deante de alguns dos nossos dogmas, não contestam, nem ridicularisam o que se passa nos sanctuarios consagrados ao grande Thaumaturgo Portuguez.

Os que blasphemam, e negam as mara-

vilhas de Santo Antonio não visam precisamente o *Pão dos pobres*. O que offusca o orgulho e revolta a acanhada razão d'estes coripheus do livre pensamento é antes o *sobrenatural em geral*. Se lhe admittimos as suas estolidas negociações sobre a intervenção de Santo Antonio, nos seus prodigios admirandos, irão mais além; e terminarão por negar completamente os milagres do Evangelho.

Ha annos M. d'Hulst, director do Instituto Catholico de Paris, na sua obra intitulada *A França christã* emitia sobre o assumpto uma opinião que a meu vêr aclara perfeitamente a questão: «— o culto dos Santos, dizia elle, que a influencia jansevista fizera declinar um pouco, tem tomado entre nós um progresso extraordinario. Um exemplo entre muitos, nos dará prova d'isso; é o desenvolvimento prodigioso que tem tomado ha annos, a devoção de Santo Antonio de Lisboa, invocado sob o titulo de bemfeitor dos pobres, e protector dos que lhe imploram a assistencia. Quem não tem visto nas nossas mais ricas igrejas, e nas nossas mais modestas capellas a imagem do angelico franciscano, e aos seus pés dois cofres destinados um ás petições e outro ás orações? O fiel confia ao Santo os seus desejos, e apoia-os na sua liberdade.

A esmola depositada vae alimentar os pobresinhos, que se definham pela fome.

Essa devoção, abundante em prodigios de caridade, tem-se espalhado pela França com uma rapidez quasi miraculosa. *Corresponder pela idéa que inspira, ás mais puras concepções da fé.*

Póde ser que aqui ou ali seja praticada com um certo espirito supersticioso ou mercenario. N'este caso é erro das pessoas, e não defeito da instituição.»

Conhecida a *devoção do Pão dos pobres*, na sua origem, belleza e beneficos effeitos, para que todos os fieis se animem a practical-a como convém, e com tranquillidade de consciencia, formularemos aqui algumas regras practicas tendentes a esse fim:

1.<sup>a</sup>) Convém que a grandiosa obra de *Santo Antonio*, não seja erecta nas igrejas parochiaes, ou capellas diocesanas, sem a approvação do *Ordinario*, e nas dos regulares *exemptos*, sem a licença dos superiores maiores.

2.<sup>a</sup>) As esmolas depositadas em tal ou tal sanctuario, devem ter por fim principal,

segundo o titulo da obra, a *distribuição do pão aos pobres*. Algumas vezes, conforme as necessidades locaes, póde-se, mas *secundariamente*, auxiliar as escolas catholicas, os orphanotrophos, asylos de velhos etc. N'este caso porém convém determinar precisa e claramente, o uso da esmola. Assim os fieis não poderão queixar-se de que as suas esmolas fôram empregadas em fins, alheios e contrarios á sua vontade.

3.<sup>a</sup>) E' bom communicar periodicamente á auctoridade ecclesiastica, as esmolas recebidas, e em que se empregaram. E' tambem de grande utilidade, testificar isto mesmo ao publico. Assim evitar-se-hão muitos desgostos, e inconvenientes.

4.<sup>a</sup>) A' distribuição do pão material, é emminantemente opportuno e salutar subministrar aos pobres o pão espirital; por meio do catecismo, prégações apropriadas, conferencias religiosas, evangelisar e moralisar os miseraveis. Assim dar-se-ha á obra de Santo Antonio todo o alcance moral e social que ella tem.

5.<sup>a</sup>) Nas prégações e escriptos que se destinam a por fim propagar e recomendar esta devoção, é util esclarecer os principios theologicos em que ella assenta—instruir os fieis nas condições, objecto, e poder da oração, efficacia da intercessão dos Santos, e merito da esmola e do sacrificio.

## DECLARAÇÃO

A Redacção da «Voz de Santo Antonio», julga opportuno repetir aqui as declarações já feitas por mais d'uma vez:

a) A instituição do Pão dos Pobres de S. Antonio, posto que seja obra dos Franciscanos funciona independentemente da sua direcção. Poronde,

b) As esmolas depositadas nos cofres de S. Antonio nem são para a «Voz de Santo Antonio», nem para os seus directores e collaboradores, nem para os Franciscanos como aleivosamente aventaram muitos jornaes, mas são exclusivamente para o Pão de Santo Antonio e para obras de caridade promovidas pela commissão administrativa, á qual só cabem as responsabilidades do bom ou mau emprego das ditas esmolas.

c) A «Voz de Santo Antonio», dando publicidade ás muitas cartas de agradecimento que apparecem nos cofres de Santo Antonio, tem só em mira dar gloria a Deus e ao Santo de que é orgão mensal. Não explora a credence do povo, mas fomenta o espirito de piedade. E se muitas das cartas que publica não têm a orthographia e a grammatica desejadas, e empregam indistinctamente o no-

me de graça ou milagre, não são da redacção as responsabilidades, mas dos proprios signatarios.

De resto a Redacção da «Voz de Santo Antonio», para se conformar com os decretos de Urbano VIII, declara mais uma vez, que não pretende dar aos factos narrados no Culto de Santo Antonio senão um valor meramente historico, deixando á Egreja o julgar da sua authenticidade.

**BRAGA**

<i>Em Janeiro</i> :— Petições depositadas.....	22
Cartas de agradecimento.....	4
Total das cartas.....	26

**AOS AMIGOS DE SANTO ANTONIO**

Pedimos mais uma vez que não se esqueçam de indicar em termos claros e precisos a graça ou graças recebidas de Santo Antonio, para que dignamente se possam publicar na «Voz» em honra e louvor do grande Thaumaturgo.

Confrontando a receita enorme das esmolas mensaes ao Santo para o Pão dos Pobres com as cartas de agradecimento, vemos que a maior parte das graças não vêem ao publico, o que não póde ser agradavel a Santo Antonio; pois é justo que ateste o seu reconhecimento quem recebe os favores.



SAGRADA FAMILIA

Não é forçoso nem muitas vezes é conveniente que venha por extenso a assignatura.

Mas o que é de summo interesse para edificação dos fieis e gloria do Santo, é saber-se a graça ou graças que elle tão profusamente distribue aos seus devotos.

A's pessoas instruidas recommendamos o maior cuidado na redacção e orthodoxia das cartas e ás ignorantes aconselhamos que recorram a pessoas prudentes e piedosas, que as ha em toda a parte, sobretudo nos centros da Pia União e do Pão dos Pobres.

«Accommettido d'uma terrivel molestia, rebelde a todos os medicamenuos, quando, decorridos mezes, me vi esquelético, sem forças, sem carnes, semelhando mais um cadaver que um ser vivo, e além d'isto desamparado da medicina que me julgava completamente perdido, recorri a vós, em tão difficil conjunctura, promettendo-vos uma annuidade para o pão dos vossos pobres, se me fosse restituída a saude. Agora que me encontro bom, nutrido, forte e sem o menor indicio de tão pertinaz molestia, vou por este meio dar publicidade á graça que vos dignastes fazer-me e remet-to-vos a quantia correspondente ao 1.º anno.»

*Meu amado Santo Antonio.* — Agradeço-vos penhoradissimo a grande graça que me concedestes de me dardes saude; ah! vos envio 100 réis que vos prometti para o pão dos vossos pobresinhos, e vos peço que continueis sempre a dar-me saude tanto no corpo como na alma; porque eu quando precisar de qualquer outra graça, comvosco venho ter.

Sou vosso humilde servo. — *Luiz Monteiro Cardoso.*

— *Manoel José Ferreira Torres*, offerece a Santo Antonio 1\$200 réis por um beneficio recebido.

— A Redacção da *Voz de Santo Antonio* deposita aos pés de Santo Antonio as esmolas para os seus pobresinhos, recebidas das pessoas seguintes:

D. Maria da Gloria (Barcellos).....	100
J. A. M. V. (Lamego).....	3\$000
Uma devota.....	600
D. Olivia e Palmira (Barcellos).....	100
D. Maria da Gloria (Barcellos).....	100
D. Anna J. C. L.....	500
D. Thereza de Jesus (Belem).....	5\$000
Por um milagre de Santo Antonio.....	1\$000
Um anonymo.....	2\$000
Somma.....	12\$400

#### BARBUDO (VILLA VERDE)

Por vezes nos temos referido ao incremento que vae tomando, n'esta freguezia, a devoção para com o glorioso Santo Antonio, a quem o bom povo d'esta e das freguezias circumvisinhas, quotidianamente vem, junto do seu altar, prestar as suas homenagens e implorar sua protecção para as suas necessidades espirituaes e temporaes. Devido ao incansavel zelo apostolico do Ex.<sup>mo</sup> Fr. Antonio de Santa Maria, zeloso apostolo no ultramar, estabeleceu-se, n'esta freguezia, a devoção do Pão dos pobres, no dia 25 de Novembro, do anno de 1895.

Tendo celebrado o santo sacrificio, no altar dedicado a Santo Antonio, fez, n'essa occasião, uma pratica allusiva ao acto, a que assistiu um numero concurso de fieis, que, inflamados pela palavra ardente d'este grande missionario, ficou com a devoção a Santo Antonio tão radicada em seus corações, de tal modo que, todos os dias se vêem muitos fieis fazendo seus votos junto do glorioso Santo; uns de agradecimento, outros de petição, — notando-se, no rosto de muitos, copiosas lagrimas de profundo reconhecimento pelos favores recebidos. Abençoada obra!...

E' bem eloquente (para uma freguezia rural), a cifra do producto total de esmolas cahidas na caixa, desde o dia da installação d'esta tão consoladora devoção até hoje, n'esta freguezia, na importancia de 229\$165 réis.

Mensalmente se faz a distribuição do Pão de Santo Antonio pelos pobresinhos mais necessitados da freguezia, estendendo-se a caridade até aos pobres das freguezias circumvizinhas que alli acodem ao chamamento do zeloso parochi encomendado d'esta freguezia, o Rev.<sup>mo</sup> José Manoel de Macedo, que não se poupa a trabalhos e canceiras, para que, a applicação d'esta esmola, produza, nos corações dos contemplados, os fructos e benções para que foi instituido, — isto é — a par do pão material, distribue o pão espirital. Por occasião da distribuição do Pão de Santo Antonio, ha, algumas vezes, confissões, communhões e praticas allusivas ao acto tão tocante, como é, o do pastor repartindo o pão pelos seus filhos espirituaes. Para fomentar o espirito religioso e a devoção para o Pão dos pobres, constituiu-se uma commissão, a cujo zelo muito devem os pobresinhos d'esta freguezia: é assim constituída — Presidente — *Padre José Manoel de Macedo* (parochi). Thesoureiro — *Manoel José Barbosa Junior*. Secretario — *Padre Antonio Villela*. Vogal — *Domingos José Lopes*. Zeladora — *D. Emiliana Leite Barbosa*.

Deus Nosso Senhor os inflame sempre no ardente zelo da caridade para com os pobres e que o exemplo d'esta freguezia, que conta um grande numero de pobres, seja imitado por muitas outras, onde ainda não germina esta Pia União e que é um manancial de tantas benções e um poderoso meio de se reformar um povo. Muito se deve tambem ao incansavel zelo dos Rev.<sup>os</sup> Fr. Antonio de Santa Maria, Fr. Francisco d'Assumpção, Padre João Roberto Pereira Maciel, digno director do Circulo Catholico d'Operarios de Braga e o Padre Manoel Joaquim Peixoto Braga, director do Collegio de S. Thomaz d'Aquino, da cidade de Braga que por varias vezes têm prégado a este bom povo sobre a piedosa devoção a Santo Antonio e a sua palavra tem produzido optimos resultados nos corações dos que os escutam.

Este ultimo por varias vezes tem celebrado o santo sacrificio da missa no altar de Santo Antonio, fazendo praticas allusivas á Pia União de Santo Antonio. A ultima vez que esteve n'esta freguezia, foi no dia 6 de Janeiro, festa da Epi-phania.

Celebrou o Santo Sacrificio por intenção dos Pobres de Santo Antonio e ao *lavabo* prégou sobre o evangelho do dia, accomodando-o ao acto a que se ia proceder. Disse que Jesus amava tanto a pobreza, a ponto de nacer *pobre*, n'um *pobre*

presepio e que fôra aos pobres a quem primeiro fizera annunciar a sua vinda ao mundo, a uns pobres pastores que guardavam na montanha seus rebanhos: Propoz, como digno d'imitar-se o exemplo dos Magos, que uma vez vista a estrella, vieram a Jesus — *Vidimus et venimus* adorare eum: no fim da missa, foi distribuido por 70 pobresinhos o Pão de Santo Antonio. Que Deus Nosso Senhor a todos os que, tão desinteressadamente, se têm dedicado por esta Obra, abençoe e receba no seu coração, são os votos que ao céu faz — *Um humilde devoto de Santo Antonio.*

LISBOA

*Snr. Redactor*

Pedia a V. o especial obsequio de fazer publicar na *Voz* a graça, que abaixo declaro, que S. Antonio me obteve de Deus; isto para maior gloria de Deus e honra do mesmo Santo, favor este que muito agradeço.

— Don vos muitas graças, meu querido S. Antonio, por terdes ouvido minhas supplicas e me terdes alcançado de Deus o bom despacho d'ellas, fazendo com que aquella minha amiga, viesse fazer as pazes e reconciliar-se comigo, como eu tanto desejava e vos tinha pedido, promettendo mandar publicar esta graça, se m'a obtivesseis de Deus, o que agora cumpri; continuae sempre a proteger-me, meu amavel santo, e a acudir-me em todas as minhas necessidades espirituaes e temporaes, para que ajudada de vossa protecção, possa viver em paz n'esta vida e alcançar o fim para que todós fômos criados.

Vossa indigna serva muito grata — *Maria.*

LEIRIA

*Meu querido Santo Antonio.* — Cheia de alegria e reconhecimento para convosco, venho a Vossos Pés, agradecer-Vos aquella graça que Vós já ha muito me concedestes. Como sois grande diante de Deus!

Não queria senão andar pelo mundo inteiro, para provar a todos como Vós consolaes aquelles que imploram a Vossa protecção.

Bemdigo a Deus o ter-me dado na terra um tão bom protector. Louvado sejaes mil vezes.

Além d'esta graça, agradeço-Vos tambem todas as outras que me tendes feito, e por todas ellas já cumpri a promessa que Vos fiz. Continuae a protoger-me, e permitti que meus Paes continuem a ter saude, e que elles se affieçoem por aquella pessoa que desejo. Abençoe-nos meu amavel Santiuho, e protegei-nos. Assim seja.

17-2 902. — *Maria.*

BARCELLOS

*Snr. Director,*

Peço a V. o favor de annunciar na *Voz de Santo Antonio* estas graças o que desde já agradeço.

— *Meu querido Santo Antonio.* — Agradeço-vos muito as graças que me alcançastes de N. Senhor por intercessão da Santissima Virgem, que fôram o restabelecimento de minhas irmãs e de mi-

*nha tia, e de nos teres livrado d'uma molestia muito ruim que tem andado n'esta terra.*

Envio 100 réis para o pão dos pobresinhos e peço-vos meu querido Santo Antonio que nunca vos esqueçaes de nós.

Vossa devota. — *Anna Palmira Leite de Macedo.*

TURCIFAL (LOURINHÃ)

— *Meu Glorioso Santo Antonio.* — Envio 700 réis para o pão dos vossos pobres que já ha tempo vos prometti e agradeço mais esta graça que vos dignastes concederme. Peço-vos meu bom Santo Antonio a vossa gloriosa protecção para o meu irmão que está longe, e bem como para todos os meus.

Vossa muito devota. — *M.*

BRAGANÇA

— *Meu querido Santo Antonio.* — Enviando 500 réis para o pão de vossos pobresinhos, e dando publicidade ao milagre que vos dignastes fazer-me, cumpro a minha promessa. *Obtive a melhora do meu extremoso pae* que estava quasi perdido. Louvado sejaes Santo da minha alma. A minha querida mãe, e irmãos dão vos as graças que pedem; mais não cabe no seu agradecimento. Continuue a proteger-nos e sede sempre nosso protector e amigo.

Vossa devota e humilde serva. — *Laura Vidal.*

Bragança, 11 de febreiro de 1902.

ALBERGARIA

*Meu grande Santo Antonio.* — Agradeço do coração as duas graças que me fizestes e em satisfação d'esse sbequio envio 500 réis para o pão dos vossos pobresinhos.

Peço ao meu querido Santo Antonio me atenda no que lhe peço para depois enviar maior esmola, para os pobresinhos. — *Uma devota que tem recebido muitos beneficios.*

TORRES VEDRAS

*Snr. Director*

Peço o favor de publicar na *Voz* o seguinte: — Agradeço a Santo Antonio as graças que me alcançou de N. Senhor e peço que continue a proteger-nos. Já dei a esmola promettida. — *M. C.*

PAÇOS DE FERREIRA

*Meu milagroso Santo Antonio.* — Em agradecimento d'uma grande graça recebida, por vossa especial protecção, vos envio a esmola de 500 rs. para o pão dos pobres. Eu vos supplico que continueis a proteger-me.

OURO PRETO (BRAZIL)

Offereço para o pão dos pobres a quantia de 5\$000 réis em agradecimento á graça de Deus obtida por intercessão de Santo Antonio. — *Maria de Salles.*

Peço-vos meu glorioso Padre Santo Antonio, que vos digneis de acceitar duas vellas, para vos-

so altar e 2\$000 réis para o pão de vossos pobres, em testemunho de meu reconhecimento, pelo que de vós tenho obtido. — *Maria Paula.*

Envio para o pão dos pobres de Santo Antonio, em reconhecimento ao que do mesmo Santo tenho obtido a quantia de 2\$000 réis. — *Gabriella.*

*Meu glorioso Santo Antonio.* — Muito vos agradeço as graças que me fizestes e cheia de gratidão vos envio 13\$000 réis para o pão de vossos pobrezinhos.

Vossa serva muito grata. — *B. Horizonte. M. E. O. F.*

Envio 5\$000 réis para o pão dos pobres em agradecimento a um despacho obtido por intercessão do glorioso Padre Santo Antonio. — *Pasagem. — A.*

— Offereço 1\$000 réis para o pão dos pobres de Santo Antonio em reconhecimento de uma graça obtida por intercessão do glorioso Thaumaturgo. — *Lucinda.*

— *Meu glorioso Santo Antonio* do pão dos pobres. Humildemente venho a vossos pés agradecer o despacho da minha petição e mais favores alcançados para o melhoramento dos meus negocios quanto a vós tenho implorado. Espero que vós não me desampareis mais e nem a minha familia. E' de todo o meu coração que envio a vós a insignificante quantia de 7\$000 réis para os vossos pobres por vós abençoados. A vossa santa Benção em minha familia e em quem com todo o respeito religioso se assigna vosso servo. — *H. Esteves.*

*Meu glorioso Santo Antonio* dos pobres, eu vos agradeço a esmola que me fizestes e em signal de reconhecimento reso um terço e tres Ave-Marias remetendo a esmola de 5\$000 réis para o pão dos vossos pobres. — *Ouro Preto. — Joanna Victorina Rodrigues.*

— *A meu glorioso Santo Antonio* dos pobres, agradeço a esmola que me fez, pelo que reso tres Ave-Marias um terço e dou 6\$000 réis para o pão dos pobres. — *Ouro-Preto 12 de Junho 1900. — Candido Ferreira da Cruz.*

#### *De diversas partes :*

*Snr. Director da Voz de S. Antonio*

Peço-lhe a fineza de annunciar na *Voz de S. Antonio* esta graça.

*Meu querido S. Antonio* agradeço-vos a graça que me fizestes, pois estando eu bastante doente prometti 500 réis para o pão dos pobrezinhos e senti logo melhoras, e hoje estou quasi boa; espero que continueis a pedir a Nosso Senhor por mim e minha familia.

Vossa devota. — *Anna Joaquina do Carmo Leite.*

— *Meu querido Santo Antonio.* — Vou por esta fórma agradecer vos a grande mercê que alcançastes, a favor do marido de minha prima, *livrando-o já da molestia que soffria* por vossa valiosa protecção.

Envio a esmola de 500 réis para o pão dos vossos pobrezinhos tanto eu como a minha familia vos pedimos que vos não esqueçaes de nos favorecer nas nossas afflicções e necessidades. Eu tambem vos remetto 100 réis que ha tempos vos prometti, e peço desculpa de não ter cumprido ha mais tempo.

*Snr. Redactor da «Voz de S. Antonio».*

Envio 2\$000 réis (dois mil réis) para o pão dos pobres de Santo Antonio, e peço a V. a fineza de fazer publicar o motivo do meu offererecimento da forma seguinte :

— *Meu gloriosissimo Santo Antonio* offereço para o pão dos vossos pobres 2\$000 réis em acção de graças, *por graças recebidas de Deus, por vossa poderosa e efficaz intercessão* — Se me alcançardes de Deus Nosso Senhor bom despacho para uma supplica que estou fazendo, e que ardentemente desejo, prometto enviar mais dois mil réis.

Um vosso devoto. — *P. J. A. S.*

— *Meu querido Santo Antonio.* — Remetto 60 réis que vos tinha promettido para augmento do pão dos vossos pobres, e espero merecer a vossa protecção para maior gloria de N. S. J. Christo. — *Joaquina Alves.*

*Snr. Director da Voz de S. Antonio*

Rogo a V. Ex.<sup>a</sup> a publicação d'esta, no muito acreditado jornal de V. Ex.<sup>a</sup> :

*Miraculoso Santo Antonio :*

A graça que hoje vos imploro, glorioso Santo, já ha tempos a peço á Immaculada Conceição, porém, com certeza a minha indignidade obsta a que seja despachada a minha supplica. E' por isso que eu, sabedora e crente que não desamparaes ninguem que a Vós recorra, venho sollicitar-Vos com todo o empenho, me alcanceis da Augusta Rainha do Ceu e da terra, a graça de que tanto necessito.

Pedi, meu amado Santo, pedi, pelo amor que tendes aos vossos pobrezinhos, á Consoladora dos Afflictos, ao Refugio dos peccadores, que se lembre de mim, que me não desampare, que despache com a maxima brevidade, a minha petição, e que me sirva de guia na carreira tortuosa de existencia.

Meu querido Santo, se me alcançardes esta graça da Virgem Nossa Senhora, enviar-Vos-hia 5\$000 réis para o pão dos Vossos pobrezinhos.

Novamente Vos agradeço, grande Santo Antonio, o favor que me dispensastes, permitindo que os meus 5 alumnos que propuz a exame, obtivessem tão brilhante resultado, devido com certeza, á Vossa efficaz protecção.

Não desampareis a Vossa mais infiel devota e assignante do jornal *A Voz de Santo Antonio* — *M. C. P. A.*

Os cofres do Pão dos pobres de Santo Antonio

Braga. — Em Janeiro 178\$180 réis.

Recommendações especiaes

As ordens religiosas em Portugal.

Os collegios catholicos.

As missões no ultramar.

Uma conversão.

A cura d'um enfermo.

A cura d'uma enferma (a pedido do nosso

bom assignante José de Castro Gavinha, de Coimbra).

Duas vocações.

Tres almas.

Todas as petições depositadas nos cofres de Santo Antonio.



## Secção scientifico-litteraria

### O Dogma evolucionaria ?

**N**ÃO se creia pela epigrapha que encerra este artigo que eu venho pôr em duvida a immutabilidade do dogma: não, não é esse o meu intento, porque tal affirmação sobre ser falsa seria sobremaneira injuriosa por o jornal a que o destino; uma vez fixa uma verdade pela auctoridade doutrinal só ferindo crenças se poderá negar a sua irreformabilidade.

O que procuro evidenciar n'este artigo é que o objecto dogmatico, embora fixo pela auctoridade infallivel deve ser fecundado, illustrado, justificado racionalmente pelo estudo da natureza. Não porque a Religião progrida pois toda ella se concentra em Christo, mas porque a sciencia da religião é tão complexa e tão profunda que só pelas sciencias exactas e naturaes pode ser illustrada.

Não se julgue exaggerada esta dependencia da Theologia por causa dos seus principios fixos e definidos, porque o dado theologico embora seja certo, não nos dispensa de procurar a sua justificação e applicação na historia e na philosophia. Não ha verdade por mais conhecida que não contenha em si um numero infinito d'outras verdades occultas, e nunca se valerá a comprehendel-as todas.

Mas a razão principal porque exijo estas relações é o desejo de vêr, seguindo a marcha do espirito humano, entrar a theologia no grande movimento scientifico. A vocação da fé christão—á catholicidade, á doutrinação e educação das intelligencias, exige que ella não comece por se oppôr ás legitimas exigencias da vida intellectual das sociedades modernas, mas satisfaça os pensamentos de todos os homens — que se amolde a elles — só assim se tornará foco de luz, e de vida para o mundo.

Ora estes dois motivos obrigamos a pôr de lado os velhos methodos theologicos da escola, mēdievaes: houve tempo em que o fulcro sobre que girava o pensamento scientifico soffreu um desvio e os methodos deductivos das grandes escolas da antiguidade tiveram de ceder o passo ao novo cyclo analytico e experimental. Desde então os factos deixaram de ser modelados e comprehendidos á luz da Revelação. A mentalidade actual não admite como ponto de partido senão os factos verificados — o que é experimental.

Forçoso é, pois, para que a theologia entre no grande cyclo do pensamento contemporaneo, que parta não já do seu objecto proprio que foge á observação, mas das sciencias auxiliares com que se relaciona.

Precisar a letra ou o sentido dos textos biblicos, patrioticos ou conciliares que envolvem a verdade religiosa, coordenar todos esses dados com as informações da anthropologia, exegese, e demais sciencias auxiliares, eis o principal do trabalho theologico, que será tanto mais perfeito quanto mais progressivas forem as sciencias onde colhe as informações.

E' preciso que n'estas alturas essas informações sejam acolhidas sinceramente. a despeito de quaesquer ideias preconcebidas, que venham a ser destruidas. E' necessario ser leal nos processos scientificos e não condemnar arbitrariamente uma opinião, só porque é emittida por um heterodoxo; nem isto é proprio d'um sabio consciencioso — a verdade é impessoal.

Quantas vezes não succede, depois d'uma analyse mais profunda, vir-se á conclusão de que uma doutrina não digo já suspeita, mas condemnada por certos espiritos, está em perfeita conciliação com a verdade religiosa? Um exemplo: o evolucionismo que tanto apaixonou os espiritos na segunda metade do seculo passado a principio foi vivamente combatido pelos sabios catholicos. E' verdade que o livre pensamento explorava a theoria contra a fé, proclamando a origem bestial do homem e foi para acudir aos interesses da religião e da moral que perigava que os catholicos principalmente a combateram, mas apenas a effervescencia dos espiritos socegou as ideias aclararam-se e o evolucionismo despojado hoje dos erros philosophicos que o tornavam innaceitavel, passado pelo crisol da critica,

é sustentado por muitos sabios, dentro dos limites d'uma sã orthodoxia.

Quem não deixará escapar uns frouxos de riso ao vêr a seriedade com que os Padres dos primeiros seculos da Egreja criam nos ceus de Ptolomeu? E comtudo, pareciam estar ligados a elles as mais claras interpretações biblicas. Factos d'estes tem-se dado com os dogmas ainda os mais essenciaes como o da Redempção.

A Theologia, pois, não deve ser só conservadora; deve sim, ser fiel á Tradição porque só assim tambem será fiel ao seu papel, deve conservar as verdades conquistadas como as demais sciencias, mas deve illustrar as tambem, interpretal-as em todos os seus aspectos, pois só assim o dogma poderá evolucionar e progredir com esse movimento tão caracteristico do Espirito de Deus que o anima e sobretudo com a indole tão irrequieta do nosso espirito. Só assim a theologia será sciencia. Registrar passivamente as definições da auctoridade doutrinal sem as aproximar dos principios racionais, sem procurar novas connexidades com as sciencias profanas, não é ser homem de sciencia theologica, é ser um pobre apontador de factos.

Ainda uma observação. Alguem menos advertido poderá temer este methodo analytico da sciencia theologica, como perigoso para o dogma porque abre margem ás concepções arrojadas, etc. Não o penso assim. Nunca receei pela integridade da minha fé, sempre que soube que vigiando os meus trabalhos estava o olhar do mestre infallivel que não falta nunca. Erro, aparto-me do dogma? Mas se o erro é uma das vicissitudes do espirito buscando a verdade, no theologo só poderá ser passageiro, pois em breve será trazido ao seio fecundo da verdade. Mas, enquanto o doutor da verdade m'o não proíbe, reclamo o direito de separar a verdade do erro, de aprofundar pela analyse todo o alcance da verdade dogmatica e isto livremente, porque ninguem se pode arrogar o privilegio de inarrancia nem reservar para si a guarda da orthodoxia.

E é assim que a Theologia ha-de concorrer para a unidade das sciencias contemporaneas e ser a chave da abobada do edificio scientifico — a guia suprema da verdade.

LEAL.

## A LEÃO XIII

### Immortalis est enim

*Ao Rei da christandade, com respeito,  
a frente, impios, curvae;  
que o seu nome é Leão, mas tem no peito  
um coração de Pae.*

*Tres corôas cinge á frente côr de arminho:  
Sabio, Poeta e Rei.  
Elle dá aos christãos fé, luz, carinho;  
dá-lhes tambem a lei.*

*Mas é inda mais rica e luminosa  
na frente do Ancião  
da Santidade a corôa preciosa,  
d'Heroe d'abnegação.*

*Tentou fazel-o escravo a Tyrannia;  
mas livre é seu amor.  
Nos corações impera e humilde os guia  
aos braços do Senhor.*

*Já debil tem a voz, mas o olhar doce  
é como o de Jesus;  
e a chamma d'esse olhar já impios trouxe  
até aos pés da cruz.*

*Por isso, quando a morte triumphante  
lhe dêr a voz fatal,  
o mundo ficará mudo, hesitante,  
pois julga-o immortal.*

### Bajulans sibi cruce

*Deixae passar a victima innocente,  
o Christo Redemptor;  
que o seu amor é forte como a morte,  
pois vae morrer de amor!*

*Vae dar a vida por salvar seu povo  
e descerrar-lhe o céu.  
E o mesmo povo o guia á morte e o cobre  
de infamia e de labéo!*

*Sobre os hombros tomou a iniquidade  
e as dores dos mortaes,  
e á morte vae submisso, a cruz levando  
sem queixas e sem ais!*

*O lugubre apparatus que o preeede  
é um sarcasmo atroz;  
e a turba infame ullula e pede a morte  
como um leão feroz!*



*Não castigaes, Senhor, o povo ingrato,  
sacrilego, sem dó?*

*Porque o não reduzis em vossa ira  
a turbilhões de pó?*

*Cáia chuva de fogo sobre a terra,  
cáia-lhe a maldição!*

*Mas... não, Senhor! que a cruz de vosso Filho  
é cruz de redempção!*

*Perdoae á cegueira a tyrannia,  
o odio ao peccador!*

*E deixae vosso Filho no Calvario  
morrer por nosso amor!*

PADRE NUNES TAVARES.



## BIBLIOGRAPHIA

Vieira Prégador. — *Pelo P. Luiz Gonzaga do Valle Coelho Pereira Cabral. — Estudo Philosophico da Eloquencia Sagrada, segundo a Vida e as obras do Grande Orador Portuguez, obra approvada e recommendada pelo Exc.<sup>mo</sup> e Rev.<sup>mo</sup> Sr. D. Antonio, Bispo do Porto. — Porto, Editor José Fructuoso da Fonseca, rua da Picaria, 74.*

Não pensem os leitores que lhes vamos encarecer um trabalho historico ou agiographico, apologetico, ou critico do Maximo Orador portuguez. O Vieira-Prégador terá originado em muitos esta illusão como em nós. Enganam-se, como nós nos enganamos. A obra do talentoso e erudito P. Gonzaga Cabral, é um trabalho didactico. Depois de provar, até á evidencia que O Prégador deve ser um *homem de Deus, um homem de zelo, o que é um homem de genio, de intelligencia, imaginação e vontade*; depois de esboçar scientificamente e christãmente o que é um SERMÃO, dogmatico: claro, preciso, solido e piedoso; moral: justo e exacto; abundante, unido e progressivo quanto á materia, de estylo vernaculo, claro e ornado quanto á fórma; communicado, pratico e opportuno quanto aos ouvintes; depois de analysar a entrada, corpo e conclusão do discurso, de assignalar as fontes onde ha de beber o catechista, o panygirista, o conferente, o prégador propriamente dito e o orador funebre, depois de dizer o que deve ser o architecto e o edificio, só então apparece Vieira e os seus sermões, como prototypos de um e de outro. Vieira-Prégador é o machinismo, o drama e o corpo organico; Vieira a acção, o actor, a vida.

Não imaginem porém que o Prégador e o Sermão são dois volumosos tomos de fastidiosa Rhetorica e Eloquencia sagrada, dois acervos de regras theoreticos, aridos e futeis que frio methaphysico formulou, segundo as conveniencias ou desconveniencias das suas idéas; não. No Vieira-

Prégador a Theologia, a Psychologia, a Moral e a Logica casam-se para estudar a alma humana, a alma christã, a alma sacerdotal e tirar d'este estudo psychologico regras praticas, racionais, naturaes, entendidas e sentidas, d'uma Eloquencia Sagrada, nova e original.

A cadeira de Eloquencia Sagrada não tem passado d'uma exposição fastienta de regras convencionaes e esteris, na sua quasi totalidade. Uma lição d'este genero era uma gymnastica de memoria e nada mais; o coração esterelizava-se e a intelligencia protestava aborrecida. Mestres e discipulos sentiam no intimo este senão, mas não havia hombros que se arrumassem ao velho edificio sombrio e gelido e o desmurassem, substituindo-lhe outro em que entrasse mais luz e mais calor.

Fêl-o a meu vêr o talentoso auctor de Vieira-Prégador, n'essa obra, que se me não enganar a minha previsão, ha de fazer época e quicá mudar o rumo do estudo da Oratoria sagrada. O trabalho do P. Gonzaga Cabral, é, a meu vêr, a Oratoria Sagrada viva, provada e sentida, ou como lhe chamou a maior auctoridade hodierna no assumpto, o Sr. Arcebispo d'Evora: «A Oratoria em acção.» Foi precisamente a originalidade da obra que me levou a engulir-a d'um trago e a propôr medital-a com vagar, quando o tempo me der ensejo.

Isto pensamos do Vieira-Prégador. Estamos plenamente convencidos, que se fôr lido pelos neo-prégadores, seminaristas e alumnos aspirantes ao sacerdocio, o pulpito portuguez será mais honrado: menos florido, menos elegante, menos theorico, menos naturalista, e mais christão. Eloquent, mas christãmente eloquente.

Causa magna ouvir elogiar a alguns ecclesiasticos certa turba de oradores d'hoje, que apenas merecem o nome de *Poetas-musicos* que poetizam no pulpito acerca de Maria Santissima e das virgens, como faria Ovidio de qualquer bella formosura do seu tempo; dos nossos santos, como Camões dos heroes dos Luziadas senão peór; que elogiam a virgindade, o pudor, a caridade e as outras virtudes christãs, como qualquer cysne parnasiano cantaria os dotes e prendas physiomicas d'uma formosura feminina. Mas não quero esquadrihar os peccados (que o chegam a ser) da Oratoria de nossos dias. Lêde o Vieira-Prégador, que a par das sabidas instrucções os achareis scientificamente escarpelados.

Repetimos ainda a idéa que nos domina no fim da leitura d'esta obra unica. O estudo do ideal do Vieira-Prégador, basta para orientar os estudos d'este genero, e para reformar o pulpito portuguez, tão deshonorado hoje.

Maravilhas da Natureza — *O Homem e os animaes, Descrição Popular das raças humanas e do Reino animal, segundo o Plano de A. E. Brehm, revista e ampliada pelo Dr. Balthazar Osorio — Os mamíferos, Vol. I—Lisboa—Empresa Historia de Portugal.*

A historia natural é uma das sciencias que excitam um interesse geral; descrevendo

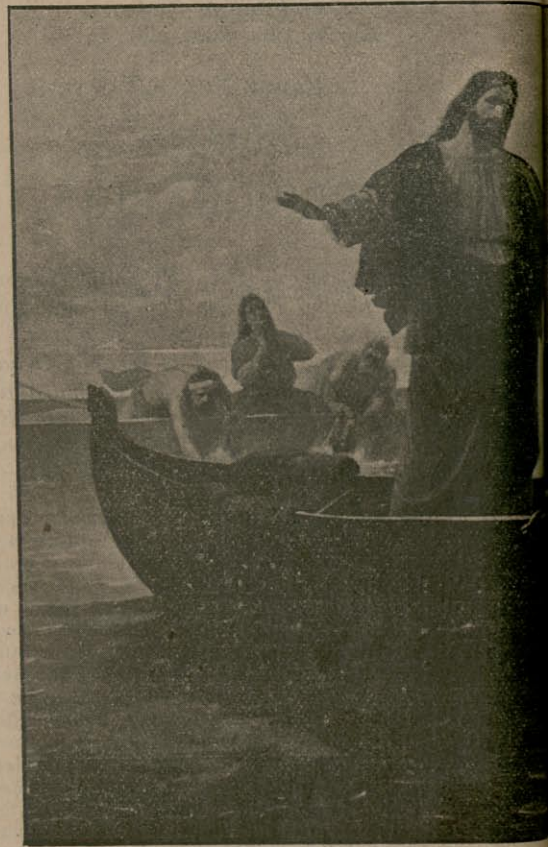
os phenomenos singulares que existem em cada animal, basta para despertar a curiosidade dos homens, ainda os menos esclarecidos; mas o estudo physico filosofico da historia natural offerece ainda mais attractivos para aquelles que têm uma intelligencia mais cultivada, que anheia sempre por conhecer a natureza que o rodeia. A utilidade d'estes conhecimentos a todos, é obvia; não consiste sómente na cultura do espirito considerado em si mesmo, nem nas applicações practicas que d'elles podemos tirar; a influencia que exerce sobre as nossas faculdades é d'uma importancia muito maior. A historia natural acostuma-nos a procurar as causas dos effeitos de que somos rodiados, e nenhuma outra sciencia como ella exercita a intelligencia no methodo, parte da logica sem a qual toda a investigação é insana e laboriosa e a exposição obscura. Ora obras sobre a historia natural, tractada methodica e scientificamente, eis o que não abundava na nossa litteratura nacional. A fóra alguns mal elaborados compendios, sem methodo, e cheios de erros, não nos restava mais nada, para estudar este tão vasto campo dos conhecimentos humanos. Para estudarmos até agora os phenomenos da natureza tínhamos de recorreer aos auctores estrangeiros. Hoje já não succede o mesmo: a *Empresa da Historia de Portugal*, veioprehender esse vacuo, publicando as *Maravilhas da natureza*, em fasciculos semanaes, illustrados com grande numero de gravuras, onde o observador attento encontra muito que aprender. E' a discripção popular das raças humanas e do reino animal. Caracteres, costumes, habitos e regimen, caças, combates, captivoiro e domesticidade etc., etc. tudo ahi é descripto, com o estylo nobre o pomposo de Buffon, mas accomodado ás intelligencias de todos.

Depois o auctor, A. E. Brehm, não é um naturalista, que está encerrado n'um gabinete, sempre de lente em punho a examinar os exemplares que tem nos armarios, é um viajante que vae a naturalidade do animal examinar os seus costumes; estudou de perto a natureza viva, o sêr que sente e que se move. Depois de vêrmos a biographia do animal, somos obrigados a acompanhar o auctor até aos desertos ardentes da Africa tropical e até aos mares polares. Que peripecias tão interessantes em suas arriscadas viagens!... E' de veras attrahente a fóma como tudo está descripto, e embora a obra seja bastante volumosa, nunca se sente cansado, e deseja-se sempre lêr mais... Durante a leitura, recorda-se muitas vezes o leitor do *Paiz das pelles* ou do *Numero da loteria* de Julio Verne.

E' que o auctor, soube juntar perfeitamente a belleza do estylo com o methodo scientifico. A collecção dos fasciculos recebidos, fóma um grosso volume de 744 paginas, onde as gravuras são espalhadas com prodigalidade, e como são executadas «á vista dos exemplares, mostram os animaes com a physionomia que lhes é propria na attitude que lhes é familiar!... são retratos photographados com um sentimento tão vivo da natureza que sob as cores negras se julgaria adivinhar as cores naturaes de cada animal». O presente volume comprehende a *introducção*, e a historia dos mamiferos desde os *primatas* até aos *talpideos* tudo descripto com minuciosidade e por ultimo, só diremos que esta obra fica muito bem

na estante d'um sabio, junto ás obras de Buffou e Luiz Figuiér.

*Catechismo de Doutrina Christã com varias orações — organizado pelo P. Francisco Topp illustrada com numerosas gravuras intercaladas no texto e publicado com approvação e recommendação do Ex.<sup>mo</sup> Snr. Cardeal Bispo do Porto e dos Ex.<sup>mos</sup> e Rev.<sup>mos</sup> Srs. Arcebispos e Bispos do Algarve, Amazonas, Beja, Bragança, Coimbra etc. — Quarta*



edição — Friburgo em Brisgan — 1902 — B. Herder, Livreiro-Editor Pontificio.

E' um elegante tomosinho de papel superior, esmerada impressão e ornado com numerosas e lindas gravurinhas intercaladas no texto. A orthodoxia, correccção e clareza da exposição tornam-no recommendavel aos catechistas, e ás crianças que acharão n'elle o mais bello brinquinho da escola.

*A verdadeira sciencia ou compendio de Doutrina Christã, moral e civilidade em forma*

de Catechese pelo Parocho Antonio Correia Pires, approvado pelo Ex.<sup>mo</sup> Rev.<sup>mo</sup> Snr. D. Antonio Bispo do Porto — Livraria Catholica Portuense, centro de Propaganda religiosa em Portugal e Brazil de Aloysio Gomes da Silva, Editor.

De impressão nitida, mas menos elegante e ataviado no material que o precedente, é todavia mais amplo e completo do que elle. Na primeira parte ensina concisamente a doutrina que devem decorar as crianças de *confissão*, na segunda



LAGROSA

o que devem saber as de communhão. A terceira parte é reservada a compilação das varias praticas, orações e exercicios piedosos mais em uso.

E' ao mesmo tempo um bom Catechismo e um livrinho de missa. As familias pouco abastadas que não costumam dar aos filhos mais que um livrinho barato para *confissão* e communhão, recommendamos este.

Larfeull — A alma aos Pés de S. José. — Traducção do presbytero José Gonçalves Cascão d'Araujo — Com approvação ecclesiastica —

Livraria Povoense — Editora de José Pereira de Castro.

E' o mez de S. José mais completo que conhecemos.

Não são apenas 384 paginas de orações e piedosos exercicios em louvor do grande Patriarcha. E' um abreviado, mas claro curso de perfeição christã, modelado pela vida santissima do casto esposo de Maria, que o piedoso auctor divide em tres partes: **Grandezas, Provas e Virtudes** de S. José.

Os devotos do augusto e santo Chefe da Sagrada Familia nunca se arrependirão de grangearem esta obra repleta de unção e solida piedade.

Padre Bento José Rodrigues. A Biblia e A Questão Vital.

São 47 paginas de dogma claro e popular, de propaganda anti-protestante, que deviam chegar aos lares mais ou menos visinhos dos centros protestantes, e cahir nas mãos dos eivados e abaldados nas crenças catholicas e indifferentes n'esta *questão vital*.

Histoire de S. Antoine de Padoue, d'après les sources hagiographiques des XIII<sup>e</sup>, XIV<sup>e</sup>, e XV<sup>e</sup> siècles par le P. R. At. pretre du Sacre Cœur.

Entre os muitos trabalhos historicos e agiographicos de S. Antonio, o do Padre R. P. At. é um dos mais recommendaveis aos amantes dos estudos antonianos, pela precisão historica, haurida nos documentos mais authenticos dos seculos XIII, XIV e XV, unidos n'um volumoso tomo, d'um modo original, claro e agradável. A par da feição historica captiva as almas piedosas a acetica solida e pura. Nunca encareceremos devidamente esta bella obra aos nossos leitores, intendidos na lingua franceza.

Relatorio da Conferencia de S. Vicente de Paulo de Braga, relativo ao anno de 1900-1901 pelo presidente F. Pinheiro Torres — Braga — Imprensa Henriquina.

Li com interesse e avidez este relatorio por se referir longamente ao chorado Dr. Pinheiro Torres, afamado medico, piedoso christão e zeloso fundador da dita Conferencia. O discurso do presidente, F. Pinheiro Torres, filho do illustre finado é sensibilizador, para todos os que conheciam de perto, como a Redacção da *Voz de S. Antonio*, que lhe é devedora de assignalados favores, esse caracter illibado e christão.

Chamamos a attenção dos nossos leitores para uma outra parte da Conferencia onde o douto conferente exorta os confrades a levar pessoalmente o obulo da esmola aos necessitados, a dar-lhes juntamente a esmola de conselhos christãos, de piedosas exortações, consolos etc.

Esta parte captivou-me pela feição *piedosamente pratica*; nota esta que tanto falta nas instituições congeneres dos nossos tempos, que revestem muitas vezes um caracter puramente phylantropico.

Este relatorio não é para se deitar ao desprezo, pelas pessoas que lêem, é digno de recommendação pela parte instructiva.

Conferencia de S. Vicente de Paulo em Coimbra. — Relatorio de 1900-1901 — Porto — Typographia a vapor da Real Officina de S. José — Rua Alexandre Herculano.

E' recommendavel este relatorio ás pessoas que se interessam pelas sympathicas Conferencias de S. Vicente de Paulo.

Homenagem a *Jesus Christo Redemptor*, pela devoção ao divino Coração agonizante e dores da S. V. Maria no occaso do seculo XIX e consagrada ao Sagrado Coração de Jesus do seculo XX — pelo Padre Manoel M. d'Aguiar.

E' um tomosinho de 166 paginas que se occupa da sympathica devoção ao Coração agonizante de Jesus: sua origem remota e proxima, objecto da devoção e da veneração do Sagrado Coração agonizante, suas vantagens, desenvolvimento no estrangeiro e em Portugal d'esta devoção.

A' venda na Imprensa Henriquina, 63, Campo de Sant'Anna, 65, Braga.

SS. D. N. Leonis PP. XIII Acta ad Tertium Franciscalem Ordinem spectantia. Collecta a P. Fr. Mariano Fernandes Garcia — Ad Claras Aquas (Quaracchi) Prope Florentiam ex Tip. Collegii S. Bonaventurae.

E' esta uma d'essas obras pedidas pela necessidade do assumpto de que se occupam. Muitos e calorosos elogios tem dispensado Leão XIII á Ordem Terceira Franciscana, muitas reformas introduziu na sua disciplina interna, na sua liturgia, privilegios e direitos etc. mas não havia até hoje uma compilação completa que estivesse á mão de todos, uma reunião acabada de todos os actos pontificios ácerca da sua carinhosa Ordem Terceira. A obra do erudito e piedoso P. Mariano Fernandes Garcia veio encher esta lacuna. Dividiu-a em quatro secções: na primeira colligiu os actos pontificios com que Leão XIII louva, exalta e recommenda esta Ordem. Contem as encyclicas, breves, allocuções a varias corporações d'operarios, superiores da Primeira Ordem, aos bispos catholicos etc., etc. Esta é talvez a parte mais interessante da obra. Na segunda considera as reformas de Leão XIII na disciplina regular dos Terceiros. Na terceira occupa-se dos privilegios e graças concedidas pela mesma Ordem, relativos quer a precedencia nos cortejos religiosos e outras funcções publicas, quer a sua liturgia, comunicação de privilegios e indulgencias. Na quarta assigna os protestos de devoção especial de Leão XIII para com S. Francisco de Assis.

N'um appendix traz o Ceremonial proprio das funcções das Fraternidades Terceiras, e n'outro o novissimo catalogo de indulgencias concedidas aos Terceiros em julho do anno findo.

Esta obra de absoluta necessidade para os commissarios das Ordens Terceiras franciscanas, para o clero terceiro e para todos os que se interessam pelos assumptos franciscanos.

## As nossas illustrações

I — OS DESPOSORIOS DE NOSSA SENHORA. — Nunca o mundo antigo ou moderno viu esposos mais santos, nunca no Céu fôram abençoados desposorios tão immaculados, como os que representa a gravura que hoje apresentamos á contemplação dos nossos leitores. Maria, a Rosa mystica, perolada pelo rocio da divina graça, de cuja aste brotaria o botão mimoso, — Jesus — o encanto da Judéa, unida com José, o casto lyrio sem macula, que divina união, que celeste consorcio!

A Igreja ao perpetuar na memoria dos christãos, com uma festa especial, a união matrimonial d'estes santos esposos, quiz propôr, a seus filhos, um exemplar perfeito d'esse estado de vida social, fundamento physico e moral da sociedade, — do matrimonio christão.

Houve n'este santo matrimonio a escolha pessoal, a mais acertada. Maria não podia escolher esposo mais perfeito que José, nem este esposa mais divina que Maria; houve a união mais estreita: nunca uma discordia, um encontro de palavras, um desencontro de vontades, nunca dois corações, mas uma só vontade harmonica, irmanada.

Estas duas lições deviam estar sempre na lembrança dos que aspiram a tal estado de vida.

A escolha pessoal, do coração com que vamos unir, e não juntar apenas, o nosso, deve ser o primeiro passo n'este assumpto. Do bom acerto d'este passo, depende a felicidade da vida nova, que se intenta viver. Pensae reflectidamente, com madureza, desembaraçados de qualquer paixão, n'este passo, porque não tornareis a repetil-o. Não confieis nos affectos do vosso coração, que vos póde trahir, mas sim na vossa razão. Quantos choram sem remedio; por ter faltado a esta regra de madureza? O momento de tomarmos um estado de vida fixa, immovel, eterna, é um momento solemne; é um instante em que decidimos do nosso bom ou mau estar social, em que resolvemos uma grave questão individual, e publica, e uma questão importante confia-se, não ás paixões voluveis da nossa alma, mas aos juizos — maduros da intelligencia. Foi tão feliz a união matrimonial de Maria porque nem esta virgem, nem

seu esposo tiveram por causa motuaria essas paixões terrenas e baixas, brutaes até tantas vezes, que frequentemente tocam os extremos da indignidade e da deshonra.

Os divorcios tão em moda hoje, os attentados de conjicídio, as violações multiplices do leito conjugal, as perturbações do lar domestico e outras tantas miserias que por ahi se aventam, vêm d'aqui. Viram-se dois corações á luz fascinante d'um amor pouco christão; desvaneceram-se. N'este tumultuar de affectos, n'este fluxo e refluxo de mil paixões, n'este estado irreflectido de effervescencia animica, uniram-se. Os primeiros dias um céo. Chega porém a realidade nua e fria do estado, que irreflectidamente contrahiram; faz-se calma no espirito d'um e d'outro; vêm-se os dois á luz clara da intelligencia; prescrutam-se mutuamente os defeitos, as maculas inadvertidas, começam as rivalidades, os descontentamentos, as discordias, as desconfianças, a perturbação da paz domestica, e, ás vezes, o rompimento do laço que nem a morte devia partir. Estes são infelizmente os factos.

Pensemos com madureza n'este passo tremendo, e como diz o nosso povo

*antes que le cases  
pensa no que fazes.*

A união mais estreita é a segunda lição que nos lembra a presente gravura.

A mulher christã não podia só, com as difficuldades que traz consigo a creação infantil da sociedade. Era necessario juntar-lhe um coração mais corajoso, mais discreto, mais varonil, o coração do homem, que lhe servisse de cirineu no caminho arduo do seu calvario, que compartilhasse com ella o peso da cruz, propria do seu estado. Mas como poderiam esses dois corações partilhar-se o soffrimento e a dôr mutuamente, coadjuvarem-se irmamente nos seus arduos misteres, se não fossem unidos, apertados, confundidos um com outro?

Olhae mais uma vez para os divinos esposos da nossa gravura. Se Maria, para salvar seu filho, tenro ainda, foge para o Egypto, José acompanha; se reverte, José segue-a; se procura com lagrimas a Jesus perdido em Jerusalem, José chora com ella, pelas cercanias da cidade em sua busca. As dôres de Maria eram as de José; unidos, a espada do soffrimento não podia rasgar o coração de um sem ferir o outro.

Quanto esta união influiu beneficemente na sociedade christã, vê-se nas paginas da Historia Ecclesiastica, que abundam em bellos exemplos.

A proposito lembro-me ter lido algures, um episodio commovedor.

Era algemado e levado preso para Lussemburgo, um honrado cavalheiro, a titulo, creio, que de revolucionario. Sua mulher, ao vêr o marido algemado, apresenta tambem as mãos aos soldados. Declararam-lhe que só têm ordem de prisão, para seu marido.

— Se meu marido vae preso, irei tambem. — Redarguiu intrepida agarrando-se ao braço do seu consorte. Tentam afastal-a, assegura-se com mais aferro ao braço do preso.

Chegam á cidade, abre-se a porta da prisão, o preso entra, e a boa esposa entra com elle.

Chega o dia do julgamento, o preso é levado ao tribunal revolucionario; a intrepida esposa acompanha-o. O juiz manda que se retire.

— Se meu marido é julgado sêl-o-hei tambem. — E sentou-se no banco dos reus, com o seu amado consorte.

O Juiz pronunciou sobre o reu sentença de morte. A corajosa esposa ouviu-a tranquila.

Ao outro dia a multidão aglomerada na praça da execução viu-a sentada, ao lado do reu, agarrada ao seu braço, como era a tronco antigo, sobre o carro funebre, que cortava a massa do povo, e subir com pé firme os degraus do patibulo. Approxima-se a hora tragica. O algoz declara-lhe que não está sentenciada.

— Se meu marido morre morrerêi tambem — volveu resoluta.

Bate a hora funesta; o algoz levanta o ferro mortifero e tenta removel-a pela ultima vez, mas inutilmente. Se meu marido morre morrerêi tambem, — redarguiu afoita.

E morreu. O cutelo ao cahir cortou d'um golpe a cabeça d'âmbos.

A multidão chorava, ao vêr correr misturado o sangue d'aquelles dois corações, que se uniram na vida, na morte, na sepultura, e quiçá, no Paraizo.

Quantos exemplos de união matrimonial como este, não téem brotado do exemplo sublime que a nossa gravura representa?

Quantos não poderiam ainda germinar da mesma fonte, se os interessados soubessem pôr os olhos nos DESPOSORIOS DE N. SENHORA ?

\*  
\* \*

II — A SAGRADA FAMILIA. — Não posso comprehender, como chamaram a esta gravura — a *Sagrada Familia*.

Não apparece ali o honrado e respeitavel ancião de Nazareth, o chefe da Sagrada Familia, figura S. João que não faz parte do lar da casinha de Maria... nada, anda aqui engano do gravador. O pintor do quadro, cujo é copia a nossa gravura, de certo que baptisou o seu parto genial com o nome de DIVINO AMPLEXO ou ainda OS DOIS AMANTES. Olhae-me bem para a effusão com que Jesus abraça a seu primo João, e para o amor como este recebe o divino abraço e dir-me-heis, se este nome não vem mesmo a matar.

Sim o divino amplexo! Quem tivera a ditosa sorte de João Baptista, de se vêr nos braços de Jesus, de sentir as espadas do amor divino traspassar-nos o peito, e coar-se-nos na alma, de sentir aquelle oleo balsamico banhar-nos docente o coração delirante, de sentir... eu sei lá o quê... esses extasis celestes que divinizavam o Amante de Jesus, o Christo do Alverne!

Sentimos tanto prazer, quando uma creança nos aperta com os bracinhos innocentes ao seu peito infantil, achamos tanta consolação, ao poisar-lhe, nas faces immaculadas um beijo, que seria se tivéssemos a dita do primo de Jesus!

Mas poderão os mortaes gosar dos amplexos divinos do Salvador? Podemos? O Baptista se mereceu tal favor foi pela sua innocencia. Limpo do peccado original, no ventre materno, a menor sombra de peccado actual não lhe passára pela alma e o Menino Jesus ao avistar aquelle coração mais alvo que a neve, corria a abraçal-o, e a passar com elle os entretenimentos infantis. Jesus que nas abobadas do céu é louvado pelos côros das virgens, Jesus o divino esposo que se deleita entre os lyrios, recreia-se, abraça-se com as almas innocentes. E podemos nós conservar a estola pura da innocencia baptismal? Por que não? Não podemos evitar o peccado? Não devemos até evital-o? E' verdade que a inexperiençia dos primeiros annos pôde pôr-nos em

risco essa prestimosa joia; mas pôz Deus junto da creança dois anjos tutelares, dois mestres, dois guias, o pae e a mãe, a quem incumbiu o cuidado d'esse thesoiro inestimavel.

Pômos guardas noite e dia á casa onde alojamos grandes riquezas. Que habitaculo ha, para vós mais querido, paes de familia, que o peito de vossos filhos, onde balança um coração que é todo vosso? e que riqueza ha comparavel á margarita inapreciavel da sua innocencia? Guardae pois esse sanctuario e essa riqueza, que Deus confiou á vossa vigilancia, com escrupulosa diligencia.

Lá mais para diante, quando vossos filhos forem homens, e virdes suas almas innocentes abraçar-se gostosamente com Jesus, procurar o sanctuario, para visitar o seu amante, e fruir os dôces enlevos do seu amor divino, dar-vos-heis os parabens e achareis por bem pagos os vossos cuidados e vigilancias.

Quantos amantes, como seu primo João, abraçariam Jesus, se os paes fossem mais cuidadosos em conservar a innocencia de seus filhos?

Jesus, o divino prisioneiro dos nossos tabernaculos, que languece de amôr no fundo da sua prisão solitaria; Jesus o mendigo dos nossos templos que estende baldadamente a mão supplice, aos fieis, a exorarlhes a esmola dos seus corações; Jesus a victima augusta dos nossos altares o martyr das nossas aras santas, que é traspassado continuamente pelas setas dos peccados do mundo; Jesus mataria a fome que tem do nosso amor, Jesus acharia alivio no seu carcere, se visse almas innocentes rodearem as grades da sua prisão, a estender-lhe os braços para o abraçar.

Mas o divino prisioneiro não vê ninguem junto da masmorra onde o amor o encarcerou. Silencio sepulchral, profundo, desconsolador, desleal solidão, rodeam o sacrario. Apenas um ou outro morbido eci. de tibia prece vem morrer á porta do tabernaculo, e Jesus o mendigo sempre faminto do nosso amôr, acha n'elle alivio. Mas almas innocentes que Jesus abraça, com quem Jesus desabafe o seu coração, não se encheram junto do tabernaculo.

Jesus não tem amantes como o seu primo João, porque, já não ha paes como S. Zacarias e Santa Izabel, que saibam crear, no lar domesticco, almas innocentes, e não

as ha, porque se não comprehende quanto Jesus as ama e estremece; porque não se estima no devido preço esta joia unica em primores e valia.

Vós que levantaes ainda um olhar puro para esta gravura, para os DOIS AMANTES DIVINOS, que podeis sentir, no coração ainda immaculado, o prazer do DIVINO AM- PLEXO, que sois ainda innocentes, conserve esse realce da vossa belleza physica e moral, que elle é otractivo, o enlevo de Jesus. Conservae-o mimosas creanças, que abraçadss com Jesus não mais vos desaparegais dos seus braços.

\* \* \*

III — A PESCA MILAGROSA. — Sentada junto das pitturescas ribeiras da Jennesareth, na passagem onde o Jordão mistura as suas mortas aguas com as d'aquelle lago, Capharnaum, importante villa d'outra, foi uma das terras mais visitadas e formoseadas pela presença de Messias. Lá curou Jesus a sogra de Pedro, aquietou o celebre pocco, sarou o paralytico, chamou do telonio a Levi, e fez prodigios tantos, que os legisperitos corriam ahi da Galiléa, da Judéa e até de Jerusalem. Mas entre todos salientou-se, pela sua significação, o da pesca milagrosa, que motivou a vocação de Simão e André de Thiago e João.

Passeava um dia Jesus ao rez do lago á sombra das palmeiras que assombream a ribeira, e vendo dois pescadores moços ainda, bradou-lhes da praia: «Vinde commigo.» Os moços já eram conhecidos de Jesus. André e Simão tinham acompanhado algum tempo com o Messias, mas voltaram á lida das redes, sem unico ganhapão. Mas d'esta íta seguiram-no definitivamente. Jesus e os dois continuaram ao longo da praia. Dados alguns passos toparam com Thiago e João que lidavam tambem no trabalho da pesca. Jesus manda-lhes que o sigam. Deixam barco e redes pae e familia e seguem o Salvador. A esta hora já a multidão que lhe andava nas pégadas, o apertava da terra, por tal modo, que Jesus e os novos apóstolos viram-se forçados a subirem para as barcas. Jesus entrou na de Pedro, e manda a este que pegue ao leme, e afaste um pouco da praia. Depois começou a doutrinar a multidão, que se apinhava na ribeira, silenciosa, attenta.

Concluída a doutrinação, disse Jesus a

Pedro: «Vamos, ao mar! e larga a rêde.»

— Toda esta noite,olveu Pedro, nos amofinamos, e não pescamos nada, mas como creio em Ti, lanço em teu nome a rêde. E lançou-a com uma fé simples, mas firme.

Os peixes caiem n'ella em cardumes. Passado poucos momentos, foi necessario acudir os da barca vizinha para arrancar a rêde que se rompia, com o peso da pescaria.

Pedro ao vêr o prodigio deixa os companheiros afadigados com o trabalho da rêde e atira-se aos pés de Jesus e diz-lhe: «Afastae-vos de mim Senhor, porque sou peccador.» «Não temaes d'oravante sereis pescadores de homens», lhe respondeu o Salvador.

Evidentemente Jesus prophetiza n'este facto o futuro da sua Igreja, e lança a primeira pedra dos seus alicerces.

Pedro será o que irá ao leme da barca onde Jesus entrou, será n'ella o principal dos pescadores de almas. Poderá haver mais d'uma barca, mais d'uma Igreja, mas aquella onde entrou Jesus, d'onde ensinou a sua palavra, aquella onde se préga a palavra da vida eterna, onde se ensina a verdade, é só a barca de Pedro. Thiago e João e os outros seus companheiros, se quizerem pescaria, entram para a barca de Pedro.

Afasta-se a barca da praia, — do mundo, das suas concupiscencias, das gentes, — das suas cubiças e prazeres, para assim doutrinar com fructo a multidão. — Os pregoeiros da boa nova, os pescadores da barca de Simão, os préadores evangelicos devem estar totalmente alheios ás cubiças e paixões mundanas, para recolherem abundante pesca, para salvarem muitas almas.

As difficuldades dos tempos tornarão quasi baldados os trabalhos apostolicos, dos obreiros da Igreja, por toda a noite da indifferença e incredulidade não pescarão quasi nada, mas a fé de Pedro, a oração dos pescadores da Igreja, merecerão de Deus muitas pescas milagrosas, muitas conversões, de hereges, infieis e scismaticos.

Simão e André Thiago e João aferram na praia as barcas e, sem em mais pensarem, acompanham Jesus para toda a parte. O sacerdote, ministro e apóstolo de Christo, uma vez admittido ao apostolado de Jesus, deixa a familia, os seus interesses materiaes, as suas cubiças, intentos terrenos, os seus commodos, para se dar aos encommodos da sementeira da palavra divina, para seguir,

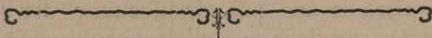
sempre e em tudo a Jesus apostolo e a Jesus sacerdote.

Que lições se não soletram n'esta tão simples gravura?

Os quadros e suas copias são tambem um livro que nos instrue e argue; o caso é sabermos, e querermos lêr n'elle.



## Chronica universal <sup>(1)</sup>



### ROMA

Leão XIII, nosso amantissimo Pae, e Pastor de toda a christandade, tem a gloria de festejar o 25.º anno do seu Pontificado, no meio das acclamações e benções de todo o universo; foi eleito no dia 20 de fevereiro de 1878.

Prevendo a sua eleição dizia elle aos Cardeaes: «que fazeis Eminentissimos Padres? Elegendo um velho, carregado dos achaques da idade, tendos de reunir-vos dentro em breve em novo conclave». A Providencia Divina não confirmou tal receio, e Leão XIII tem assistido aos funeraes d'um grande numero de Soberanos, e viu descer ao sepulchro o celebre *Crispi* que affirmou no parlamento italiano, «ser Pio IX o ultimo elo da serie dos Papas».

Tudo se tem conjurado para abreviar os dias de Leão XIII; a convicção que elle tinha da sua pouca saude, o pezadissimo cargo do governo da Igreja, as perseguições dos christãos na China, e dos religiosos na Europa, e mil outros soffrimentos de que aquelle ancião tem sido amargurado.

Pois não obstante tudo isso, não obstante os seus 92 annos, (argumento que não é para desprezar em questões d'esta ordem!) elle lá está sentado na sua cadeira, dirigindo sabiamente os destinos do formoso rebanho que lhe foi confiado.

Abençoado Pastor, feliz rebanho! Como deve ser consolador para o coração de Leão XIII vêr os ardentes votos de seus filhos n'estas suas *bodas de prata*?

De toda a parte lhe chegam as mais affectuosas provas de amor, e todos os paizes se esforçam por lhe enviar as suas offertas.

Os proprios governos protestantes, e mesmo aquelles que tantos desgostos lhe tem dado, alli vão officialmente levar o seu respeitoso preito de homenagem.

E enquanto por toda a parte tal movimento se opera em honra de Leão XIII, em honra do Papa, verdadeiro rei de Roma, alli mesmo em Roma, Victor Manoel successor do usurpador dos Estados Pontificios, presenta-se no parlamento e abre a sessão legislativa preconizando a lei do divorcio, já d'ante mão condemnada pela opinião publica e denunciada aos catholicos pelo Santo Padre ainda no ultimo consistorio. Quiz esse des-

cedente da casa de Saboya contribuir a *seu modo* para a festa das bodas de prata de Leão XIII, esquecendo as tradições de sua familia sempre tão dedicadas á Santa Sé, e os castigos de seu Pae e Avô pelas amarguras de que encherá o coração de Pio IX e Leão XIII. Ora Deus queira não se verifique o adagio francez; *qui mange du Pape on creuse*, ou como dizia Thiers: «a carne de padre é muito indigesta».

—Vindo da Africa Oriental Portugueza (Beira), chegou a Roma em meados de fevereiro o Rev.º P. Antonio de Santa Maria, um dos fundadores da «Voz de Santo Antonio», primeiro Director da Pia União

Estabeleceu a sua residencia na Via Merulana, 124. Roma Italia. Damos esta noticia aos nossos leitores por que sabemos ser-lhe isto agradável pelo conhecimento que tinha do nosso antigo e muito estimado collaborador.

### PORTUGAL

As sessões parlamentares continuam agitadas. Os dois chefes dos partidos atacam-se e descompõem-se mutuamente, affirmando a particular amizade que os une pessoalmente. As duas hostes progressistas e regeneradoras seguindo as pisadas dos seus generaes, aggridem-se tumultuariamente por umas questiunculadas de rapazes da escola, e sem o minimo interesse para o paiz antes para completo descredito da casa parlamentar.

Será por falta de assumpto que elles se entrem a matar o tempo em coisas tão pueris?

Havia muita coisa séria a tratar; a questão dos credores, a crise vinicola, o desenvolvimento das nossas colonias, e mil outros negocios publicos. Mas estes assumptos requerem estudo profundo, requerem dedicação e ordinariamente não são estes os predicados de que se acham adornados os representantes da nação portugueza. O seu diploma de deputado serve-lhe de passaporte para se elevarem rapidamente aos cargos mais honrosos e mais pingueamente retribuidos, sendo condição essencial, berrar muito no parlamento, quebrar carteiras, insultar os adversarios, e até um duelo, para inglez vêr. dá um tom de celebridade ao futuro homem politico. E senão examine-se a folha de serviços prestados ao Paiz por esse formigueiro de conselheiros que tem o seu seleiro nos ministerios, a vêr se não foi este, regra geral, o caminho que alli os levou.

O parlamentarismo está verdadeiramente desacreditado entre nós, já não ha ahí quem o tome a sério. A imprensa de todas as cores politicas tem baptizado aquella casa com a maior variedade de appellidos: *pandiga*, *theatro*, *corrida de touros etc.*, etc. E ultimamente os dois chefes progressista e regenerador confessam publicamente que, diz o primeiro: é preciso vida nova; e responde-lhe o segundo: é myster reformar os costumes politicos.

\*

De labios tão auctorizados não póde dimanar senão a verdade; e por isso temos a confissão publica e authentica de que a politica rotativa é velha, caduca, e cheia de maus habitos e costumes, e por conseguinte pernicioso para o paiz.

Escusado era, ouvir esta confissão franca da bocca dos chefes dos dois partidos, porque todo o

(1) A agglomeração de original força-nos a retirar da chronica uma deliciosa correspondencia *De Lisboa á Beira* que publicaremos no proximo numero.



paiz o sabe já de sobejo, e não occulta o seu profundo desgosto; e a não ser que esta confissão seja sincera e com proposito de emenda. Mas até essa esperança nos tira o snr. Hintz Ribeiro dizendo ao snr. José Luciano, que para vida nova estavam ambos muitó velhos e por isso melhor seria deixar aos novos o encargo de inaugurar vida nova e de sanear os costumes polticos. Sua ex.<sup>a</sup> fallava d'esta sorte porque não desconhecia as aspirações do paiz, e d'esse **novo grupo** chamado **nacionalista**. Esta referencia se não foi sincera talvez seja um vaticinio, porque a burra de Balaam tambem prephetou. Em todo o caso a Camara dos Pares aceitou a declaração do presidente de ministros e o illustre par do reino conselheiro e ex-ministro da marinha snr. Jacintho Candido da Silva torou sobre si a espinhosa missão de lhe responder em seu nome e em nome do partido nacionalista de que elle é chefe, aproveitando occasião e circumstancia tão propicias para desenvolver em pleno parlamento a bandeira d'esse partido *novo*, nacionalista, e cuja aspiração dinamica d'essa sympathica divisa *Pro Deo et pro patria*. Com muita satisfação daríamos aos leitores o resumo, ou sumula d'esse discurso-programma do partido nacionalista, porem como ainda não foi publicado no diario das cortes, ficará para o proximo numero. Grande foi a sua importancia não só porque se tratava de inaugurar oficialmente um novo partido, e pelas graves accusações que o snr. conselheiro Jacintho Candido fez ao governo, mas ainda por essas accusações partirem d'um ex-ministro, d'um ex-ministro regenerador, e sob tudo por que todos sabem que não é a ambição ou o despeito que inspira uma attitude tão francamente hostile contra antigos correligionarios, pois mesmo na ultima combinação ministerial podia ter entrado no ministerio se tivesse querido; taes accusações são pois, provocadas pelos desatinos do governo, pelos maus habitos politicos, (diz o snr. Hyntze) pela vida velha, (diz o snr. J. Luciano) e ainda pela opinião sensata dos homens honestos do paiz, que se vão agrupando em torno do seu illustre chefe, como elle mesmo afirmou já no parlamento.

Mais de *duzentos centros nacionaes* pedira ao chefe do partido nacionalista... que denuncie publicamente ao paiz na presença dos seus representantes, as immoralidades da administração publica e as desditas e infortunos que esperam a nossa querida patria, se não fôr derrubado esse velho baluarte que serve de esconderijo á oligarquia dominante e que já vae sendo conhecido pelo nome de *baluarte rotativo*.

\*

Este despertar do paiz, e as afirmações tão sinceras do snr. Jacinto Candido, deram alento aos homens honestos, e sobresaltaram os Gansos do Capitolio. E por isso vemos nós que na Camara dos Pares já por duas vezes foi o governo moralmente derrotado, pois em duas propostas de censura indirecta ao governo, apenas se salvou com uma maioria de 7 votos (os 7 peccados mortaes) e na Camara dos deputados, onde os progressistas e regeneradores fazem opposição para *inglez vêr*, já um deputado teve a coragem de sahir d'essa linha de combate e atacar seriamente o governo, fazendo declarações verdadeiramente escandaloso-

sas; foi o snr. Francisco José Machado que, referindo-se á reforma da lei do sello disse entre muitas outras: a nova tropa do sello foi recrutada *entre criminosos*. Foi nomeado fiscal do sello em Portalegre um antigo *contrabandista*, cuja photographia mostra á Camara, declarando que ella se encontra em todos os pontos fiscaes, para os soldados o conhecerem.

O actual inspector geral dos impostos recebe, elle e a familia, mais de *dezesseis contos de réis por anno*. Este individuo todos o conhecem. Nomearam barbeiros para a fiscalisação com ordenado de 1:200\$000 réis, creanças de 14 annos com 50\$000 réis por mez!

A onde porem a **attitude dos nacionalistas** e do seu illustre chefe causou maior impressão foi inegavelmente na oligarchia dominante. E manifestou este mau humor de duas maneiras muito em voga entre os novos phariseus.

Nos jornaes atacam o novo partido porque as suas aspirações (dizem elles) são nada mais nada menos que o dar á Igreja a supremacia sobre o estado; não sei se os leitores percebem a *insidia*? Mas na Camara apresentam-se como Pilatos com uma refinada *hypocrisia*.

Pais se até alli registamos duas confissões de Fé, feitas pelos dois illustres varões que tiveram a felicidade de verem decorrer os annos da sua mocidade tão suave e innocentemente como agua do rio Douro que os viu nascer em nos formosos pomares da Rede que é o snr. José Maria Alpoim, e outro o snr. Teixeira de Sousa lá mais em cima no *Pinhão*; pois foram estes dois illustres politicos que tiveram a coragem de fazer a sua profissão de Fé, na presença dos representantes da nação. A formula foi igual: «eu sou catholico», (naturalmente foi ditada pelo snr. Navarro) porém diversas foram as causas que motivara um acto de tamanha *coragem*, leia-se de refinada *hypocrisia*.

Antigamente semelhante confissão de Fé equivalia ao martyrio, hoje succede o contrario, e por isso vemos nós estes dois confessores catholicos, acompanharem os protestos do seu *catholicismo* com ferozes dentadas o Snr. Alpoim nos veneraveis Conegos de Lamego e o Snr. Teixeira de Sousa nos pobres Religiosos.

O Snr. Alpoim chama-se catholico e insulta do alto da tribuna parlamentar o cabido de Lamego porque este cumpriu rigorosamente as leis da Igreja, e censura o snr. ministro da justiça porque, não castiga a rebeldia do Cabido; o Snr. Teixeira de Sousa chama-se catholico e afirma que «a questão religiosa foi resolvida a contento de reaccionarios e jacobinos»; a qual dos partidos pertencerá S. Ex.<sup>a</sup>?

A ambos estes confessores *catholicos* poderiamos applicar o dito do Salvador *hipocritae!* se pulchros branqueados! quanta maldade escondes sobre esse vosso catholicismo?

Porém, sabem elles muito bem que aquella confissão ha-de sêr a tabua de salvação de muitos correligionarios seus, para acalmar os gritos da consciencia que os constrangem a não ser solidarios com tão implacaveis inimigos da Igreja. Que elles o digam não admira, o que admira porém, e que enche de tristeza é vêr os verda deiros catholico seguir o credo politico de taes comediantes.

Agora já não ha a desculpa antiga: «não te-

mos chefe». Elle ahí está hasteando corajosamente a gloriosa bandeira do nacionalismo, respeitado por todos mesmo pelos seus adversarios, sacrificando os interesses pessoas ao resurgimento e salvação da patria. Salvemos a nossa independencia e a nossa Fé, que ambas estão ameaçadas de ser vendidas em praça publica, por esses partidos rotativos dominados pela oligarchia triumphante.

\*

Os nossos irmãos da Madeira dão-nos o mais caloroso exemplo, derrotando o governo nas eleições municipaes não obstante todas as artes empregadas pela auctoridade; eis o resultado da eleição do Funchal:

Conego Fazenda (nacionalista) 1583 votos — Luiz Gomes da Conceição (independente affeicoado aos nacionalistas) 1:615 votos — Porphirio de Oliveira (progressista) 1:598 votos.

Viseconde de Caçongo (regenerador) 806 votos — Julio Paulo de Freitas (regenerador) 778 votos — Silvestre Quintino de Freitas (regenerador) 796 votos.

Foi uma derrota formidavel; quasi mil votos de maioria!

Não pararam aqui os madeirenses; quizeram dar uma reparação ao Exc.<sup>mo</sup> e Rev.<sup>mo</sup> Snr. D. Manoel Agostinho Barreto da infamante calúnia que lhe levantou o governador civil e alem d'uma representação que mandaram a sua magestade, proveram grandiosas festas em honra do seu Santo Bispo por occasião das suas bodas de prata.

Gloria ao povo da Madeira!

Catholicos portuguezes ahí tendes o exemplo.

## HESPAÑHA

No dia 21 de setembro passado publicou o ministro do Reino Snr. D. Affonso Gonçalves o decreto contra as congregações religiosas, dando-lhes o prazo de 6 mezes para regularisarem a sua situação. Téem pois os religiosos hespanhoes suspensa sobre suas cabeças a terrivel espada do Democles, e o dia 18 de abril proximo ficará memoravel no paiz vizinho como o é já em Portugal; pois, coincidência notavel, foi tambem no dia 18 de abril que se publicou o ultimo decreto de mata-grades e mata-freiras. Mas, a respeito d'este decreto, anda coisa no ar lá por Madrid; chegando *El Liberal* a dizer que: «a solução exigida pela opinião democratica no problema religioso, encontrou e encontra ainda os maiores obstaculos nas elevadas regiões, e que o ministro do Reino, «D. Affonso Gonçalves, está interdito por ter publicado o decreto de 21 de setembro; sendo esta e não outra a verdadeira causa do desacordo entre elle e o ministerio.

Por outro lado o paladino da causa nacional

e catholica no parlamento, o Snr. Nocedal interrogou o ministro sobre o assumpto, dando-lhe este uma resposta da qual tanto se pôde concluir que tenciona cumprir o citado decreto, como o contrario, «quando assignei o decreto foi para que elle se cumprisse». Esperemos pois que os factos nos esclareçam essa phrase grammaticalmente tão obscura. E crêmos mesmo que o illustre D. Ramon Nocedal apertará com o ministro para que falle mais claro. Ainda ha pouco n'uma só sessão do parlamento fez andar ás aranhas o ministro da guerra, o ministro da Governação e o proprio Sagasta. Ao primeiro pergunta se tenciona estabelecer o serviço militar obrigatorio para todos; com o segundo trata o assumpto das congregações religiosas como vimos, e atacou o Snr. Sagasta lançando-lhe em rosto que tinha illudido os Prelados quando elles vieram ao parlamento, em defeza das Ordens Religiosas.

Onde porém se conhecem as profundas convicções religiosas do Snr. D. Ramon Nocedal foi na questão do duello que elle atacou energeticamente em nome da Igreja, que sempre o condemnou e em nome da humanidade porque o duello é ainda uma recordação do estado selvagem em que viviam os homens antes da civilisação christã; no meio dos applausos de seus amigos, dos seus inimigos e de toda a camara exclamava: é tempo de fazer desaparecer d'entre nós essa triste recordação dos tempos barbaros; Recomendamos aos Snrs. Alpoim, A. d'Andrade etc. a leitura do discurso do illustre parlamentar hespanhol.

Outro assumpto que está preoccupando todo o paiz vizinho são as manifestações dos socialistas e republicanos radicaes em Barcelona; deixaram de circular as carruagens, suspenderam o serviço dos correios, fechou o commercio, e houve luctas sangrentas entre as tropas e os agitadores publicos, havendo já muitas mortes. Foram suspendidas as garantias constitucionaes e entregue o governo ás auctoridades militares. O governo de Madrid está seriamente inquieto porque teme que a revolução se desenvolva mais largamente. O Snr. Nocedal referindo-se no parlamento a mais esta calamidade publica atacou os partidos rotativos, e demonstrou como os actos d'esses partidos arrastaram a patria hespanhola á ruina e a todas as desventuras e desgraças que hoje chora com lagrimas de sangue. Disse mais que só havia esperança de salvamento se desaparecessem do poder esses partidos, e que era urgente e necessario que assim succedesse. Outr'ora pedia-se carne de padre e de frade e arrebatavam os sagrados direitos das mãos mortas, mas os revolucionarios em Barcelona querem mãos vivas. Terri-vel vingança de Deus.

Portuguezes, olhae para Hespanha; e lá diz o ditado quando vives as barbas do teu vizinho a arder põe as tuas de molho. Lá está a Hespanha colhendo os fructos de politicos — libraes — rotativos.



tos da electricidade, da luz, do calor, do magnetismo, da vegetação.

2.º Admitte e emprega varios termos que, em ultima analyse, significam coisas indefiniveis e incompreensiveis. o *espaço*, o *tempo*, a *força*, a *vida*.

3.º Admitte como incontrovertidas, certas verdades da sciencia que absolutamente lhe são incompreensiveis. Assim: é um principio de sciencia a *divisibilidade da materia até ao infinito*. Comprehende-o o snr. Bandeira? Ou rejeita-o como absurdo?...

Mas experimente o snr. do *Electra*; passe em minuciosa revista todos os seus conhecimentos scientificos, sujeite-os ao mesmo criterio que pretende impor aos catholicos, joeire-os cuidadosamente, expurgando-os de tudo aquillo a que a sua razão não dê uma explicação cabal, depure-os de quanto seja superior á esphera de sua intelligencia; faça balanço ao resto, e sirva-se dizer-nos, n'uma futura edição do seu livreco, a que é que ficou reduzido o seu cabedal scientifico...

Mas, meu anti-clerical de agua chilra, se não se atreve, porque seria absurdo, a rejeitar o incompreensivel na ordem natural, porque não consente que o admittamos na ordem sobrenatural? (Porque deve saber que nós, os racionarios, ainda admittimos o sobrenatural, porque ainda nos obstinamos em acreditar n'essa frioleira da alma espirital, em virtude da qual crêmos que, entre nós e o macaco de Darwii, ha um abysmo intransponivel...)

E veja ainda o snr. Euclides aonde poderia levar-nos o seu dogmatismo scientifico (porque o sabio do *Electra* não se peja de admittir dogmas... uma vez que não levem o cunho de catholicos...) A cosinheira de s. exc.ª póde muito bem ser um prodigio na arte de fazer bifés e tostas appetitosas, e possuir, no entanto, uma intelligencia mediocre, muito inferior mesmo á do preclaro luminar da redacção do *Electra*; o mesmissimo snr. Euclides poderá ser um sabio — e é mesmo provavel que o seja — e no entanto ficar muito áquem de qualquer dos seus pedagogos incomparaveis: de Spencer ou de Lafitte, de Julio Pernetta ou do Dr. José Loyola; e cada um d'estes mestres de tão aproveitado discipulo, poderá ser um portento de sciencia, sem contudo igualar a muitos outros que se lhe avantajam. N'uma palavra: a desigualdade e subalternisação das intelligencias é um facto que ninguém ousará contestar.

E' evidente que n'esta desigualdade de perspicacia ou comprehensão, desde a cosinheira e da creada de quarto do snr. Bandeira, a Spencer ou Aliberti, uns não de *ver e comprehender* melhor que os outros, e os menos perspicazes, ou menos favorecidos da natureza não poderão alcançar a verdade tão perfeita e integralmente como os outros dotados de intelligencia superior. Rejeitaão os primeiros, como absurdo, tudo que não comprehendem, ou poderão fiar-se da competencia e probidade dos mais instraidos, ou mais sabedores, ou mais intelligentes? O snr. Euclides opta pela primeira solução; nós, com o senso commum, preferimos a segunda...

E veja o snr. Bandeira: n'esta escala — chamemos-lhe assim — ou gradação das intelligencias, das mais tacanhas ás mais perspicazes, occupa o Ente Supremo o ponto culminante: não será natural que veja *mais do que nós*? E não será então muito logico que a intelligencia limi-

tada do homem se subordine e sujeite á intelligencia infinita de Deus?...

Mas não vá pensar o snr. Euclides Bandeira que o catholico é obrigado a admittir inconsideavelmente quanto lhe seja imposto em nome de Deus. Não: a razão humana tambem tem os seus inaufereveis direitos que a revelação não destróe nem menoscaba. O acto de fé catholica é precedido de ponderosos *motivos de credibilidade*, (1) que o tornam eminentemente razoavel, e digno da creatura racional. Estes motivos são *certos e moralmente infalliveis*; em virtude d'elles póde o simples fiel, como o mais illustre doutor catholico, fazer a respeito de cada um dos dogmas que a Igreja lhe propõe, o seguinte raciocinio:

«Creio n'este dogma porque Deus o revelou; sei que Deus o revelou, porque a Igreja, que é infallivel no seu magisterio, assim m'o ensina; sei que a Igreja é infallivel, porque Jesus Christo, seu Fundador, lhe concedeu essa prerogativa; sei que lh'a concedeu, porque o Evangelho assim o testifica, e sei que podia conceder-lh'a, porque era Deus; sei que era Deus, porque assim o testificam a sua vida e a sua morte, as suas palavras e os seus milagres, comprovados com testemunhos, mesmo humanamente irrecusaveis e irrefragaveis».

Queira dizer-me o snr. Euclides Bandeira quantos dos seus principios scientificos, quantas das verdades que constituem o seu cabedal de *homem de sciencia*, quantas das proposições que avança no seu livreco, se alicerçam em tão pe'emptorio e terminante, como seguro e inabalavel raciocinio...

Já vê então, que a crença do catholico nos dogmas da sua religião, está bem longe de roçar pelo absurdo; não é lesiva dos direitos da razão humana, e, conseguintemente, não inibe a mulher catholica de ser «mãe bôa, digna, idonea».

Mal avisado andou, portanto, o snr. da redacção do *Electra* mettendo-se em altas cavalarias, para as quaes absolutamente lhe falece o geito e o feitio, e muito peor ainda baso fiando de erudito n'estas questões muito serias da theologia catholica, em que é rematado ignorante.

Voltaremos ao assumpto.

Braga, 28-2-902.

O CHRONISTA DA «VOZ».

## Aos nossos assignantes

Lembramos que o snr. Germano da Silva que por muitos annos fez parte activa do quadro administrativo da «Voz de Santo Antonio», acaba de estabelecer-se n'uma empreza á parte, sobre a qual a «Voz de Santo Antonio» não tem responsabilidades absolutamente nenhuma.

Pedimos novamente que toda a correspondencia relativa á

(1) Assim se denominam as razões que, independentemente da auctoridade sobrenatural da Igreja, nos fazem conhecer a existencia da revelação em geral, e em particular de certas verdades reveladas e claramente expressas na Escriptura e na tradição catholica.

«Voz de Santo Antonio» seja unica e exclusivamente dirigida ao Rev.º Padre Director da «Voz de Santo Antonio» — Braga.

Rogamos ainda aos nossos bons assignantes que façam acompanhar o pagamento das assignaturas e outras cartas de importancia do respectivo numero da «Voz de Santo Antonio».

A' Cruz de Vianna, á Estrella Oriental dos Açores, ao Progresso Catholico do Porto, ao Partidario de Villa do Conde e a outros collegas da imprensa que saudaram a Voz de Santo Antonio no seu oitavo anniversario, a expressão do nosso reconhecimento.

Agradecemos tambem á Estrella Oriental a transcripção dos nossos artigos JESUS-DEUS, a QUARESMA, etc.

## A PAZ D'ALMA

Pelo P. Chaignon S. J. Preço 500 réis.

### A Grandiosa Obra de Santo Antonio

E' um livrinho de 64 paginas, com umas lindas capas a chromolitographia, contendo — *Noticia sobre o Pão dos Pobres — Pia União de Santo Antonio — Vida de Santo Antonio — Trezena em honra de Santo Antonio e mais algumas devoções.*

E' um livrinho que esperamos vêr lido por todos.

A isso se destina pelo seu todo, até pelo preço que é só de 50 réis.

Quem o adquirir verá se não deu por bem empregada esta quantia.

## Almanach de Santo Antonio

PARA 1902

Encontra-se á vendá em Lisboa em casa do Snr. Eduardo Henrique Neves, Calçada de Santos. — Porto: livrarias de Machado & Costa, e Aloysio Gomes da Silva. — Guimarães: em casa do Snr. José Joaquim Gomes da Silva, rua Nova do Commercio. — Povoá de Varzim: em casa do Snr. Moyzês Nazareth de Sousa Guerra. — em Braga na Redacção e administração da Voz de Santo Antonio, Livraria de Cruz & C.ª e Laurindo Costa.

— Em todas as terras em que temos correspondentes podem ser reclamados a estes Senhores que elles prestam-nos a fineza de os pedir.

O seu impôrte: 250 réis brochado e 320 encadernado, pode ser enviado mesmo em estampilhas de correio.

## Folhinha Franciscana

Para 1902

Encontra-se á venda n'esta redacção, sendo o seu custo como os mais annos, 200 réis.

Todos os pedidos sejam feitos á Administracção da «Voz de Santo Antonio».

### Um pequeno giro pelo Purgatorio

E' um livrinho proprio para ensinar os devotos das almas do Purgatorio a empregar os dias da semana em suffragio das ditas almas.

Custa :

De 1 a 10 cada . . . . .	50
De 10 a 25 » . . . . .	40
50 . . . . .	1\$750
100 . . . . .	3\$000

### Capas da «Voz de Santo Antonio»

Estão promptas para todas as séries : 93 e 96 ; 97 e 98 ; 99 e 900 — em boa percalina dourada por 400 réis cada uma.

Esta administração encarrega-se do seu empaste com o augmento de 120 réis.

### As Angustias do Coração de Maria

Um excellente livrinho proprio para os devotos das dôres de Nossa Senhora. — Preço 10 réis.

# VOZ DE S. ANTONIO

REVISTA MENSAL ILUSTRADA

**Direcção.** — Toda a correspondencia deve ser dirigida unica e exclusivamente ao Rev.º Padre Director da «Voz de S. Antonio» — Braga.

**Assignatura.** — 1\$200 réis por anno, no reino e ilhas adjacentes; para os demais paizes accresce o importe do correio.